



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**GENILSON SILVA MEDEIROS**

**INTERTEXTO E DISTOPIA HOMOERÓTICA NO AMBIENTE *STEAMPUNK* DE  
ENÉIAS TAVARES**

**CAMPINA GRANDE  
2018**

**GENILSON SILVA MEDEIROS**

**INTERTEXTO E DISTOPIA HOMOERÓTICA NO AMBIENTE *STEAMPUNK* DE  
ENÉIAS TAVARES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do grau de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

**Orientador:** Prof. Dr. Antônio de Pádua Dias da Silva.

**CAMPINA GRANDE  
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M488i Medeiros, Genilson Silva.  
Intertexto e distopia homoerótica no ambiente *steampunk* de Enéias Tavares [manuscrito] : / Genilson Silva Medeiros. - 2018.  
51 p.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.  
"Orientação : Prof. Dr. Antônio de Pádua Dias da Silva, Departamento de Letras e Artes - CEDUC."  
  
1. Intertextualidade. 2. Distopia. 3. Homoerótico. 4. Microterritório. 5. Análise literária.  
  
21. ed. CDD 801.95

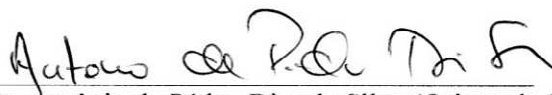
GENILSON SILVA MEDEIROS

INTERTEXTO E DISTOPIA HOMOERÓTICA NO AMBIENTE *STEAMPUNK* DE  
ENÉIAS TAVARES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Letras – Língua Portuguesa da  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito à obtenção do grau de Licenciado em  
Letras – Língua Portuguesa.

Aprovada em: 23/02/2018.

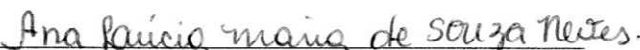
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Antônio de Pádua Dias da Silva (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.ª Dr.ª Kalina Naro Guimarães  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.ª Dr.ª Ana Lúcia Maria de Souza Neves  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À Adriana Maria, minha tia, pela inspiração,  
companheirismo e amizade, DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

Ao *Senhor*, primeiramente. Crer Nele deu-me força de vontade e coragem para seguir nos estudos.

Ao professor Dr. *Antônio de Pádua Dias da Silva*, meu mentor nesta pesquisa, por ser para mim exemplo de profissional competente e pessoa repleta de humanidade, por sua grata atenção às minhas dúvidas, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e da disciplina de Literatura da Modernidade I, como também pela dedicação e confiança conferidas a mim.

Ao meu pai *Genilton Medeiros de Oliveira*, minha mãe, *Vitória Maria Silva Medeiros*, a minha avó materna *Margarida Maria de Oliveira Silva*, pela compreensão por minha ausência nas reuniões familiares.

À minha avó paterna *Maria de Lourdes Oliveira (in memoriam)*, da qual, embora além desta vida, sentia a doçura de sua presença ao meu lado, dando-me força.

À *Eliziane Barbosa dos Santos*, que em sua amizade e especialíssima afeição concedeu-me momentos tranquilos de paz, esperança e um coração cheio de amor.

Aos demais professores do Curso de Letras – Língua Portuguesa da UEPB, e, em especial, a professora Dr<sup>a</sup>. *Kalina Naro Guimarães*, a professora Dr<sup>a</sup>. *Ana Lúcia Maria de Souza Neves* e professor *Jhonatan Leal da Costa*, que contribuíram substancialmente às minhas experiências com a prática docente e me fizeram perceber quão efetiva a Literatura pode ser para aqueles que estão se formando como seres humanos.

Aos colegas de curso pelos momentos de amizade e apoio, especialmente a *Hermeson Noberto Alves*, que foi meu braço direito desde o primeiro dia de aula nesta Universidade. Também a *Wagner Alex Alexandrino Silva*, que revelou-se um amigo e fortaleza em horas difíceis deste Curso. Incluo, também *Caline Silva*, *Simone Araújo*, *Luciana Gomes* e *Isabel Lis*, por seu companheirismo nas mais tenebrosas batalhas, trazendo-lhes alegre luz.

“A literatura, sendo a memória do mundo, deve à intertextualidade a possibilidade de ficarmos sabendo disso, já que é ela que nos permite conhecer a memória da literatura.”  
GIACOMOLLI, Dóris.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>1 Retrofuturismo à vapor: ligações intertextuais entre passado e futuro.....</b>	<b>11</b>
<b>2 A criação microterritorial: análise do intertexto literário homoerótico e formação dos espaços de afastamento social.....</b>	<b>14</b>
<b>3 A construção dos ambientes distópicos do <i>steampunk</i> em Enéias Tavares</b>	<b>22</b>
<b>Considerações Finais .....</b>	<b>27</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>30</b>
<b>ANEXO A – CONTO ANALISADO NO ARTIGO.....</b>	<b>33</b>



## INTERTEXTO E DISTOPIA HOMOERÓTICA NO AMBIENTE *STEAMPUNK* DE ENÉIAS TAVARES

Genilson Silva Medeiros<sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho constitui-se de análises sobre personagens e ambientes das obras *A Lição de Anatomia do Temível Dr. Louison* (2014) e *Bento Alves e o assalto ao Templo Positivista* (2016), ambas do autor contemporâneo Enéias Tavares. Tem por objetivo mostrar que os ambientes descritos por este autor são distópicos por representarem repressão às representações homoeróticas diante da sociedade representada na narrativa. O método utilizado baseia-se na leitura teórico-analítica textual e cultural das obras. Descreve o *steampunk* enquanto cultura e literatura, baseado em Pegoraro (2012). Constata a presença da intertextualidade como recurso atestador da presença da influência do cânone literário oitocentista nesta obra. Analisa os ambientes em relação aos personagens a partir da perspectiva de distopia apresentada por Cavalcanti (2009), Silva, A. P. D. (2008), Silva, S. S. T. (2008) e Hilário (2013). Conclui por mostrar os ambientes distópicos como fundamentadores da presença de uma sociedade representada preconceituosa que favorece a criação de microterritórios para afastamento da figura homoerótica de seu meio.

**Palavras-chave:** Intertextualidade. Distopia. Homoerótico. Microterritório. Análise Literária.

### INTRODUÇÃO

A Literatura do século XXI apresenta-se de modo a abraçar novos temas e estilos de escrita, fomentando um espaço heterogêneo nas mais diversas formas de produção, fato este pouco perceptível em outras épocas. Ao vislumbrarmos as produções publicadas na atualidade é possível percebermos esta heterogeneidade, uma vez que as temáticas que regem os novos autores do início deste século não corroboram à construção de um massivo bloco temático. É possível notar que nesta nova formação contemporânea literária, a partir das influências estrangeiras, nas produções de uma literatura mais intimista, nas apropriações culturais feitas pelos vários produtores da literatura contemporânea (neste caso tomemos especificamente a brasileira) evoca-se uma procura subjetiva por identidade, revestida muitas vezes por um apelo à crítica social, transformando espaços e contextos e (re)inserindo aspectos que por vezes transitam tenuissimamente aos nossos olhos.

Neste contexto de produção das últimas décadas, surge a literatura *steampunk*, compreendida através das influências da ficção científica e fantástica. Sua terminologia, justapondo duas palavras da língua inglesa (*steam*, “vapor”, fazendo menção às tecnologias

---

<sup>1</sup> Aluno da Graduação do Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I sob orientação do professor Dr. Antônio de Pádua Dias da Silva.  
E-mail: genilsonmedeiros4@gmail.com

movidas a este tipo de energia; e *punk*, sem tradução definida à língua portuguesa, mas que evoca as concepções da “*cultura punk*”, movimento caracterizado pela premissa do “faça você mesmo”, compreendendo a rebeldia, independência e agressividade), contempla um universo futurístico fundamentado em ambientes e corpos mecanizados representados em realidades nas quais a existência de tal tecnologia não seria possível, o que concede-nos oportunidade para compreender este viés literário como uma realização retrofuturista da realidade.

Os textos escritos à pena mecânica do “*punk à vapor*” constroem cenários que evocam sinestesticamente o cheiro residual do motor movido pela força fervente de caldeiras, a cor acobreada das rústicas engrenagens advindas do período da Primeira Revolução Industrial e a percepção tátil de uma realidade avançada tecnologicamente, contudo retrógrada cronologicamente, tal como a pesquisadora Éverly Pegoraro (2012) apresenta-nos em seus estudos sobre a cultura *steampunk* e seu relacionamento com o mundo e sociedade. Seu aspecto futurista e, ao mesmo tempo *retrô*, uma vez que evoca ambientes, hábitos e objetos pertinentes a uma realidade temporal anterior ao tempo em que o autor/leitor vive, relaciona os avanços tecnológicos apresentados pela cultura *steampunk* a um tempo passado, geralmente intercalado entre os séculos XVIII e XIX, emprestando-lhe nuances históricas reais e concedendo espaço para que as influências perceptíveis no lapso temporal do século XXI sejam transladadas à dêixis de uma terra trajada aos modos oitocentistas ingleses vitorianos.

Partindo desta configuração, Enéias Tavares, escritor e pesquisador da Universidade Federal de Santa Maria, escreve suas obras, nas quais podemos perceber a estilística do retrofuturismo à vapor atuar. Em seu romance *A Lição de Anatomia do Temível Dr. Louison* (2014) e em seus dois contos, *Bento Alves e o assalto ao Templo Positivista* (2016) e *Solfieri e o Espectro do casarão sombrio* (2016) podemos ver uma reconstrução do passado de uma Porto Alegre emoldurada por dirigíveis e carruagens guiadas por autômatos, coberta pelo aspecto apático e nebuloso que nos remete à Londres de Conan Doyle, topônimo que serve de palco ao detetive Sherlock Holmes. Estas obras compõem a série em construção intitulada *Brasileira Steampunk*.

Tomando as duas primeiras obras como escopo para construção de nossas análises, cabe-nos refletir acerca do aspecto de maior abrangência e que contracena no elenco teórico deste trabalho: o relacionamento entre a personagem homoerótica intertextualmente apresentada e os ambientes descritos nas obras analisadas de Enéias Tavares. Se podemos compreender a literatura *steampunk* de maneira que esta nos apresenta uma sociedade deveras avançada a seu tempo, logo é possível formularmos o pensamento de uma realidade idealizada, na qual a sociedade é capaz de conviver com as diferenças raciais, de gênero, etc. de forma mais

democrática, uma realidade saudosista e em que os problemas sociais são facilmente resolvidos com o auxílio dos aparatos e conhecimentos tecnológicos dos quais dispõem os envolvidos com este cenário. Podemos inferir que, desta constatação, seria de se esperar no *steampunk* o que se pode compreender por “utopia”.

Todavia, não é isso que encontramos na obra de Tavares. Somos confrontados a uma realidade em que preconceitos e atos criminosos permeiam o cotidiano das personagens e que ambientes aterrorizantes marcam a narrativa pelas atividades desenvolvidas neles, caracterizando o contexto por um misto de negatividade e melancolia que permite observar um estado de ansiedade constante nas personagens em toda a trama, seja do romance, seja dos contos. Este contexto desarmonioso, no qual percebemos a problemática da sociedade e seus desafios, em partes até hiperbolizada, em que é a visão de lugar idealizado, oriunda dos conceitos de utopia, transfigurada, corrobora àquilo que Cavalcanti (2009); Silva, A. P. D. (2008); Hilário (2013) e Silva, S. S. T. (2008) descrevem como *distopia*.

Compreendendo que nesta obra é possível encontrar o ressaltado de algumas problemáticas sociais, voltemos o olhar às representações das personagens nos escritos de Tavares. De modo a destacar o contexto histórico, o autor das obras que servem de *corpus* de análise a este trabalho reutiliza personagens que participam das narrativas clássicas da literatura brasileira do século XIX. Chama-nos a atenção a participação da figura do casal homossexual, representada no relacionamento de Bento Alves e Sergio Pompeu (interpretados por nós como um intertexto do livro *O Ateneu*, de Raul Pompeia) e Pombinha e Léonie (oriundas do romance *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo). Nas narrativas de Tavares (2014; 2016), podemos perceber um desenvolvimento das personagens após o encerramento das tramas dos seus livros de origem. Os primeiros, partindo da ordem cronológica interna à obra, firmam e desenvolvem o seu relacionamento afetivo, as segundas, já possuindo seu relacionamento estabelecido. Entretanto, percebe-se que os indivíduos da sociedade porto-alegrense do universo de Enéias Tavares demonstram aversão a estas representações. Isto nos faz elencar os seguintes questionamentos:

1) Se a premissa *steampunk* compreende uma realidade à frente de seu tempo tecnologicamente, é possível que haja um retrocesso na implementação e inclusão de personagens homoeróticas na realidade de Tavares?

2) Em que níveis as questões referentes à orientação sexual são respeitadas diante do vislumbre das relações destas personagens com o espaço narrativo em que se encontram?

3) De que forma a presença de personagens homoeróticas oriundas do intertexto do cânone literário brasileiro influem ao domínio narrativo e qual sua relevância para esta obra?

4) Por que será que em uma obra atual (2014, 2016) há a opção por representar personagens homossexuais sem lugares afirmativos na sociedade representada?

Diante destes questionamentos, defende-se, neste artigo, que os ambientes representados na narrativa de Enéias Tavares são distópicos para as personagens homoeróticas, em razão de apresentarem caráter avesso às manifestações destes indivíduos na sociedade representada por este autor, uma vez que, por mais que o contexto sócio-temporal em que vive permita uma maior liberdade e aceitação do indivíduo dissonante à cultura afetiva heterossexual, Enéias Tavares escreve sobre uma realidade retrógrada que não aceita em seu meio grupos culturais minoritários, forçando-os aos microterritórios nos quais possam, afastados da sociedade, exercer livremente sua orientação sexual. Desta forma, este trabalho tem por **Objetivo Geral** analisar as personagens homossexuais presentes na obra de Enéias Tavares partindo de suas relações com os ambientes distópicos apresentados nas narrativas, de modo a mostrar que esta sociedade representada, por mais que esteja desenvolvida tecnológica e cientificamente, não é capaz de oferecer um espaço de compreensão ao indivíduo dissonante da cultura afetiva heterossexual.

Para alcançarmos este objetivo, elencamos os seguintes **Objetivos Específicos**: 1) apresentar o *steampunk* enquanto gênero literário; 2) observar as relações intertextuais e de influência nas produções de Enéias Tavares (2014, 2016); 3) caracterizar os conceitos de Intertexto e Distopia presentes na obra; e 4) analisar a personagem homoerótica como distópica em relação aos ambientes pelos quais circula. Para fins de análise, tomaremos, tal como mencionado antes, como *corpus* o romance *A Lição de Anatomia do Temível Dr. Louison* (2014) e o conto *Bento Alves e o assalto ao Templo Positivista* (2016). Analisaremos os casais homossexuais compostos pelas personagens Bento Alves, Sergio Pompeu, Pombinha e Léonie, segundo os pressupostos teóricos de Dalcastagnè (2007), sobre auto-representação de grupos marginalizados; Costa (2010) acerca da teoria dos microterritórios; e Miranda e Garcia (2012) sobre a representação de uma cultura de minoria baseada na teoria *queer*.

Este artigo apresenta-se dividido em três partes. Na primeira, observamos as características do *steampunk* enquanto cultura e sua representação na literatura, observando também os conceitos de intertextualidade e influência. Prosseguindo desta, a segunda parte constitui-se por vislumbrar analiticamente, segundo a produção estudada de Enéias Tavares, a presença do intertexto literário atuante como forma de demonstrar a influência e papel que este exerce na obra. Na terceira parte, contemplamos os aspectos distópicos os quais permeiam os ambientes da narrativa de Tavares, vislumbrando os conceitos de distopia presentes nestas

obras, analisando a configuração espacial distópica relacionada às personagens homoeróticas, fundamento da tese que defendemos.

## **1 Retrofuturismo à vapor: ligações intertextuais entre passado e futuro**

Com o advento da Revolução Industrial europeia na transição do século XVIII ao XIX, a ampliação do uso de maquinário férreo substituindo o trabalho humano compreendeu o espaço das produções em massa. O progresso dava sinais de seu poder através das constantes invenções mecânicas que surgiam com o objetivo de facilitar a produção mercantil, as comunicações e o transporte eficiente na sociedade. Esse contexto de modernização das tecnologias humanas serviu de base e influência aos mais diversos segmentos culturais da sociedade, sendo a cultura *steamer* (adjetivo relacionado à palavra inglesa *steam*, significando *vapor*, que nomeia tanto adeptos quanto produções participantes desta cultura) uma das mais afetadas por este universo mecânico.

A cultura *steampunk* na transição do século XX ao XXI, tal como Matangrano (2016) afirma, mostrou-se presente em diversos segmentos midiáticos tais como o cinema (podemos citar o cômico *As loucas aventuras de James West*, 1999). Na música, apresenta-se com grupos *indie* a exemplo da banda *BB Black Dog*. Nas animações, como *Avatar: A lenda de Korra* (2012), aparece, como tempero adicional, a temática do retrofuturismo à vapor. A literatura não fica distante, podendo ser observada a influência *steamer* em várias partes do mundo nas suas produções, inclusive no Brasil, como é o caso da série de romances intitulada *O baronato de Shoah* (2011), do autor José Roberto Vieira, e da obra analisada neste artigo, escrita por Enéias Tavares.

Tratando-se dos conceitos de influência no que podemos contemplar na literatura, é perceptível uma relação de contato entre estilos e conteúdos conforme vemos surgir novos autores e estes vão conquistando espaço e notoriedade no meio literário. Nestes novos autores podem também ser percebidas as nuances de relacionamento destes com outras obras e autores que lhes antecederam. Este processo relacional de recepção de aspectos pode ser, tal como aponta Nitrini (2010), compreendido como influência. A autora define inicialmente este conceito da seguinte forma:

O conceito de influência tem duas acepções diferentes. A primeira, a mais corrente, é a que indica a soma de relações de contato de qualquer espécie, que se pode estabelecer entre um emissor e um receptor. [...] A segunda acepção é de ordem qualitativa. Influência é o “resultado artístico autônomo de uma relação de contato”, entendendo-se por contato o conhecimento direto ou indireto de uma fonte por um autor. (NITRINI, 2010. p. 127)

Tomemos, então, esta primeira acepção a qual a autora nos apresenta. Percebe-se que esta acepção é mais abrangente no que poderíamos compreender a cultura *steampunk*. Notamos que, a partir de seus usos e costumes, o contato com os produtos históricos da Revolução Industrial europeia foi fundamental para a formação do aspecto oitocentista *steamer*. O relacionamento interpessoal dos adeptos do retrofuturismo à vapor compreende também os comportamentos em conjunto que referem à época que geralmente ambienta as representações *steampunk*, deixando transparecer em sua cultura visual, musical e noutras demonstrações culturais os aspectos daquele contexto histórico. Nisto, temos uma influência que compete à culturalidade de um segmento social.

Diante da segunda acepção, de ordem mais restrita, podemos constatar o relacionamento literário entre autores. Seguindo desta forma, percebemos que as leituras que os novos autores fazem são fatores imprescindíveis na formação de seus estilos e fundamentam a amplitude e significação de sua obra, atalhando a isto o pressuposto de que o texto é resultado do contato com outros textos, de maneira que: “Apontar influências sobre um autor é certamente enfatizar antecedentes criativos da obra de arte e considerá-la um produto humano, não um objeto vazio.” (NITRINI, 2010. p. 130).

Detendo-nos à literatura *steampunk*, notamos as raízes deste estilo de escrita advindas da ficção científica e fantástica<sup>2</sup>, geralmente inspirada pelos escritos de Jules Verne e pelos feitos científicos de inventores como Thomas Alva Edison e Nikola Tesla, indivíduos contemporâneos entre si. Notamos a influência, neste caso, operar segundo a primeira acepção de Nitrini (2010), vinda de ordem mais geral. A partir daquele primeiro nome, somos levados a conhecer uma forma de literatura na qual o saber científico é valorizado em seus enredos, caracterizados por demonstrar um avanço deveras notável quanto aos aparatos tecnológicos apresentados em seus romances em comparação às técnicas e recursos disponíveis para a época em que Jules Verne viveu. Conferindo os nomes daqueles últimos, vemos a menção, também, ao saber científico e inventivo, uma vez que as contribuições destes dois cientistas permitiram

---

<sup>2</sup> Para este conceito, orientamo-nos a partir dos escritos de Santos, Amorim Neto e Góes (2013) que classificam a ficção científica como “um subgênero literário que consiste em uma cuidadosa extrapolação de fatos e princípios científicos ou ainda em contrariar e se opor a esses fatos e princípios” (2013, p. 654) e nas pesquisas de Tzvetan Todorov (2014) que nos definem a ficção fantástica como o gênero que “se fundamenta essencialmente numa hesitação do leitor – um leitor que se identifica com a personagem principal – quanto à natureza de um acontecimento estranho.” (2014, p. 166). Este acontecimento estranho, tal como este pesquisador mostra em seu livro *Introdução à Literatura Fantástica*, pode geralmente assumir a forma de um evento sobrenatural. Isto corrobora às origens do viés literário *Steampunk* quando percebemos nas suas produções a extrapolação dos conceitos científico-tecnológicos e a sua coexistência em uma atmosfera que permite ao místico e sobrenatural causarem a sensação de hesitação que Todorov (2014) descreve.

o desenvolvimento de diversas tecnologias contemporâneas. Oferecendo este contexto criativo, podemos citar aquilo que Éverly Pegoraro (2012) declara em suas pesquisas, afirmando que:

Na proposta *steampunk*, pode-se dizer que há uma forma de olhar o mundo permeada por discursos e representações sobre o passado, que são perpassadas por concepções futuristas, geralmente relacionadas à ciência e tecnologia. (PEGORARO, 2012. p. 394)

Comprova-se isto uma vez que as representações destas personalidades em um contexto passado caracterizam as produções literárias que podem ser compreendidas nesta nomenclatura de modo que, ao observarmos dentre os elencos das narrativas *steampunk*, percebemos que algum dos protagonistas assume a alcunha de “inventor”. Em Enéias Tavares, podemos encontrar a figura de Professor Benignus aparecendo como persona inventiva e criador de variados dispositivos que auxiliam as ações das personagens na trama. Cabe-nos ressaltar, também, que Professor Benignus é uma personagem que faz menção intertextual com a personagem do livro *Doutor Benignus*, de Augusto Emílio Zaluar.

Deparando-nos com a existência deste “empréstimo literário”, no caso de Enéias Tavares, compreendendo-o como caso de intertextualidade, é necessário vislumbrarmos as causas para o uso de tal artifício textual na obra que estamos analisando, uma vez que ela concede a oportunidade de alocar no texto características vindas de outros textos. Em primeira instância, diante do que Giacomolli (2014) propõe, compreendemos que:

A intertextualidade, enquanto concessão de um texto a partir de um outro texto já existente, revela-se imprescindível, como procedimento para a verificação das relações dialógicas entre textos, e é, por isso, a mais marcante propriedade da produção literária, especificando que os textos não dialogam entre si, mas são postos em diálogo pelo leitor. Todo o texto é um trabalho de citação; é toda e qualquer reflexão que busque produzir sentido do homem com o mundo. (GIACOMOLLI, 2014. p. 183).

Diante deste conceito, o intertexto, neste caso o literário, como Alós (2006, p. 14) apresenta como sendo “o texto específico (ou o *corpus* de textos específicos) com que um determinado texto mantém o intercâmbio semiótico que caracteriza a intertextualidade”, é, *a priori*, um recurso capaz de produzir (re)conhecimento de mundo e significação para o leitor, uma vez que estabelece a partir do indivíduo que lê, dialogicamente, ligações com outras produções, fornecendo amplitude e forma ao texto.

Isso implicaria dizer que o texto influenciado perde quanto a sua originalidade? Seria equivocado propor esta afirmativa uma vez que, conforme Nitrini (2010, p. 135) nos mostra: “A originalidade é assegurada, também, pela escolha feita pelo autor exposto a uma influência. A maior originalidade é garantida quando uma obra age sobre o escritor, não por todas as suas qualidades, mas apenas por algumas delas.”. Ao percebermos em Enéias Tavares a influência

advinda das obras das quais importa os intertextos observados no seu romance e contos, notamos também que o recurso intertextual rememora personagens e espaços do cânone da literatura brasileira, ativando inicialmente um processo de significação e reconhecimento, de maneira que em seu texto, como primeira característica do uso intertextual, estabelece-se uma intersecção entre as narrativas oitocentistas brasileiras e uma obra contemporânea original, compreendendo que os estudos sobre influência preocupam-se com os sujeitos criadores e as teorias intertextuais com os objetos criados (NITRINI, 2010. p. 167), de forma que em Tavares (2014; 2016) percebe-se uma peculiar associação entre estas duas ideias.

## **2. A criação microterritorial: análise do intertexto literário homoerótico e formação dos espaços de afastamento social**

Como mencionamos anteriormente, a literatura *steampunk* apresenta uma forte influência oriunda das relações com o passado, entendido aqui pela atmosfera conjuntural observada na sociedade do século XIX e início do século XX, e advinda das personalidades históricas contribuintes à formação do contexto tecnológico no qual vivemos. Notadamente vemos a presença do intertexto literário e histórico presentes na obra *steampunk*. Tomando por base o *corpus* de análise desta pesquisa, é possível identificar diversas personagens que contracenam em várias obras do cânone literário brasileiro. Partindo simplesmente dos títulos dos contos mencionados na introdução deste trabalho, já temos referência a dois clássicos da literatura nacional: *O Ateneu*, de Raul Pompeia (1996), rememorado na personagem Bento Alves, e *Noite na Taverna*, de Álvares de Azevedo (1988), representado pela personagem Solfieri, que intitula um dos contos do livro deste autor.

Para esta pesquisa, dentre as personagens que Enéias Tavares escolhe para construir suas narrativas, focamos apenas em quatro deles: Bento Alves e Sergio Pompeu (que, além de mencionarem intertextualmente o romance *O Ateneu* também, no segundo personagem, evoca o nome de seu autor em uma tentativa de masculinizar morfologicamente o sobrenome *Pompeia*) e Pombinha e Léonie, (que fazem menção à narrativa *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo).

Na obra de Tavares, as personagens acima mencionadas tem seus momentos de tomarem a voz que narra, através do texto em primeira pessoa. Trazendo estas personagens “emprestadas” de outras obras, Tavares concede ao intertexto um aspecto ativo. O intertexto aqui constrói seus discursos. Bento Alves é o narrador do conto que analisamos neste artigo, no qual assume a característica de remetente de uma carta; Sérgio, Pombinha e Léonie, cada um



por sua vez, tomam parte na narração do romance através de seus noitários (espécie de diário, mas invertendo antiteticamente a semântica do termo *dia* inscrito no termo do gênero textual mencionado) e cartas. Estes gêneros caracterizam-se por seu aspecto intimista, o que permite uma liberdade maior de expressão de pensamento. Diante desta situação,

torna-se perceptível que a utilização do discurso de outrem na construção da narrativa é de extrema importância, pois a partir dela o narrador pode traçar um panorama de diferentes perspectivas para os eventos narrados.” (ALÓS, 2006. p. 3).

Tavares (2014; 2016), uma vez que concede a narração em primeira pessoa a estas personagens, permite uma maior expressão das crenças e intimidades destes, desenvolvendo estas a partir de suas narrativas originais. Partindo disto, pode-se constatar que, retratando personagens homossexuais de outras narrativas mais antigas em uma produção contemporânea, Tavares (2014, 2016) abre espaço para que grupos minoritários retratados negativamente em narrativas de outras épocas possam ser representados na literatura brasileira contemporânea diante de um público leitor circunscrito em um momento cronológico mais democrático ao indivíduo homoerótico.

Nas narrativas em que se apresentam, as personagens que focamos neste artigo podem ser compreendidas como indivíduos homossexuais os quais, cada par por sua vez, vivem um relacionamento dissimétrico em relação aos valores heterossexuais. Diante disto, voltemos o olhar às personagens Bento e Sérgio. Ao observarmos a personagem Bento Alves, notamos sua presença em ambas as obras aqui analisadas. Este ainda conserva o aspecto fisionômico robusto, heroico e atlético descrito por Raul Pompéia (1996) em seu romance. No conto de Tavares (2016), o qual se passa em um momento cronológico interior à obra antes dos acontecimentos de *A Lição de Anatomia do Temível Dr. Louison* (2014), encontramos Bento Alves dirigindo-se intimamente a Sérgio Pompeu através de uma carta. Seu discurso empreende as nuances de um relacionamento frustrado que tiveram em *O Ateneu*, (POMPÉIA, 1996).

Compreendendo este conto como um desdobramento narrativo dos eventos pós-término do romance de Raul Pompéia (1996), encontramos um Bento Alves que assume sua homossexualidade à luz dos seus escritos. Entretanto, seu correspondente, Sergio Pompeu, parece reprimir sua orientação sexual e afastar de seu convívio as lembranças do provável relacionamento afetivo que cultivara na escola do romance de Pompéia. Dessas lembranças, podemos recordar a que refere-se ao ramalhete deixado para Sérgio por Bento em *O Ateneu*:

O meu bom amigo, exagerado em mostrar-se melhor, sempre receoso de importunarme com uma manifestação mais viva, inventava cada dia nova surpresa e agrado. Chegara ao excesso das flores. A princípio, pétalas de magnólia seca com uma data e uma assinatura, que eu encontrava entre folhas de compêndio. As pétalas começaram a aparecer mais frescas e mais vezes; vieram as flores completas. Um dia, abrindo pela manhã a estante numerada do salão do estudo, achei a imprudência de um

ramallete. Santa Rosália da minha parte nunca tivera um assim. Que devia fazer uma namorada? Acariciei as flores, muito agradecido, e escondi-as antes que vissem. (POMPEIA, 1996. p. 60).

O trecho acima, menciona um breve período de corte que Bento Alves faz a Sérgio na narrativa de Pompéia (1996), o que desperta certo desconforto neste personagem diante da conjuntura social da época. De uma forma que o conto de Tavares passa em um momento cronológico pós – *O Ateneu*, percebemos Bento a apontar um noivado heterossexual de Sergio. Em uma possibilidade prognóstica de uma vida infeliz vivida por Sergio, Bento propõe em sua carta: “Escrevo, antes, para dissuadir-te do caminho das conveniências maritais ou sociais que pouco ou nada espelham a criança impetuosa que amei outrora.” (TAVARES, 2016).

Diante das palavras de Bento Alves enquanto narrador, podemos perceber que Sergio vive, até então, uma vida de aparências. Ele atém-se aos modelos heterossexuais tradicionalistas e conservadores quiçá como uma forma de ver-se aceito diante da sociedade, por mais que isso, na perspectiva de Bento Alves, causasse-lhe dor e mitigação de sua personalidade impetuosa. A partir disto, tal como Costa (2010, p. 30) afirma, notamos na narrativa que “os identificados como homossexuais sofrem pela impossibilidade de expressar seus desejos no espaço público.”

Sergio, ciente de sua condição homossexual, por receio de ofender os valores cultivados pelo meio social em que vive, opta por reprimir-se. Uma vez que não se aceita como tal, conforme nos mostra Costa (*idem*), o indivíduo homossexual, neste caso a personagem Sergio, sofre dificuldades. Isto nos é descrito quando, pelas palavras de Isaías Caminha, vemos este relatar sobre uma conversa com aquela personagem. Deste diálogo, relata-se o seguinte: “Sergio me contou de seu noivado interrompido, da briga com sua família no interior de São Paulo e de quão difícil foi aceitar nele e em outros sua natureza invertida.” (TAVARES, 2014. p. 174).

A recriminação da sociedade representada por Tavares não se restringe somente a este exemplo. Em *A Lição de Anatomia do Temível Dr. Louison* (2014), podemos perceber a aversão e assombro dos componentes do ambiente social ao verem a demonstração de afeto e desejo entre dois supostos homens, que na verdade trata-se das personagens Antoine Louison e Beatriz de Almeida, esta travestida sob a indumentária de seu pseudônimo masculino Dante D’Augustine. Nas palavras de Beatriz de Almeida, na quinta parte do romance, “Homens Escravos e Mulheres Livres”, encontramos a seguinte afirmativa: “Envergonhando o cocheiro e os passantes, eu o beijei apaixonadamente, sabendo-o meu e sabendo-me dele” (TAVARES, 2014. p. 249)

Ainda nas palavras da personagem Beatriz de Almeida, voltamos à questão de Sergio e Bento. Ela relata a fundação do Parthenon Místico e apresenta a chegada destes dois personagens ao seio da agremiação:

Por fim, Bento Alves e Sergio Pompeu, uma dupla apaixonada e aventureira que encontrou entre nós [o Parthenon] não só apenas a aceitação de que precisavam, como também o jardim no qual viria a florescer a semente da sua paixão e do seu amor (TAVARES, 2014, p. 251. *Grifos nossos*).

Logo, encontramos nestes trechos demonstração de que a sociedade representada por Tavares não recepciona bem os indivíduos que não atendem à proposta de uma vida heteronormativa, de modo que encontram o preconceito e ostracismo, sendo necessária a inclusão destes em microterritórios nos quais lhes é conferida a aceitação e liberdade para revelação de afetos e desejos, e seja permitido o uso dos corpos e dos prazeres.

Podemos constatar a partir disto que a sociedade descrita por Enéias Tavares em sua obra ainda não aceita em seu meio a figura homoerótica, uma vez que, partindo desde o núcleo familiar para os ambientes sociais, há a aversão pelo indivíduo tomado como de “natureza invertida”.

Compreendendo a cessão de espaço que Tavares (2014; 2016) oferece às personagens homossexuais para que participem como narradores, observarmos, também, uma relação contrastante de inclusão e reclusão. Por mais que tenham a voz que narra, falam intimamente, de si para si, ou para outro indivíduo que compreende as suas escolhas quanto à identidade de gênero (masculino, feminino, trans, etc.) e orientação sexual. Ficam compreendidos em um microterritório<sup>3</sup>, no qual podem expressar-se livremente, tal como Costa (2010) descreve:

Nesse sentido, os sujeitos homoeróticos encontram oportunidades de expressão de autenticidades na apropriação de partes do espaço social, microterritorializando aquilo que é discriminado pela sociedade. (COSTA, 2010. p. 25)

Visto esta proposição, notamos no conto que Bento Alves propõe a inclusão de Sergio em um microterritório compreendido como o “Parthenon Místico”. A partir do texto, encontramos a seguinte assertiva:

E aqui, meu amado, encerro minha narrativa de sonhos & pesadelos, na esperança de que aceites meu convite e venhas visitar-me, talvez buscando a cura para as suas feridas, como eu e Vitória achamos a nossa nesse grêmio de formidáveis e singulares criaturas. (TAVARES, 2016)

---

<sup>3</sup> Compreende-se aqui o que Benhur Pinós da Costa (2010, *idem*. p. 25) propõe, apresentando que “Tais microterritorializações, por exemplo, entre muitas outras, de outros sujeitos sociais, se referem a um espaço social que não é exatamente sociedade, mas, ao mesmo tempo, todas as determinações dela e tudo que escapa a ela.” As cartas e noitários poderiam ser compreendidos como microterritórios se levarmos o termo em consideração a nível textual, entendendo o texto como espaço social de expressão.

O grêmio do qual o narrador fala é o Parthenon Místico. Esta agremiação assume o caráter de microterritório nesta narrativa uma vez que compreende em si indivíduos que diferem do modelo tradicional<sup>4</sup> e adotam por vezes a alcunha de marginalizados. Neste ambiente, a figura homossexual torna-se capaz de exercer o papel de sua sexualidade, visto que, desta perspectiva, a possibilidade de liberdade com o corpo, o desejo e o exercício do prazer sexual homossexual só é possível em microterritórios como este, fora do espaço público, devido à aversão que os demais ambientes sociais demonstram, tornando improvável a existência democrática de relações homossexuais nos ambientes públicos. Vale considerarmos que a sede do Parthenon é erigida em uma ilha conhecida como “Ilha dos Desencantos”, afastada da sociedade e semanticamente negativa. Isto nos mostra que a sociedade permanece avessa às representações homossexuais uma vez que

O problema da *representatividade* não se resume, é claro, à honestidade na busca pelo olhar do outro ou ao respeito por suas peculiaridades. Está em questão a diversidade de percepções do mundo, que depende do acesso à voz e não é suprida pela boa vontade daqueles que monopolizam os lugares de fala. (DALCASTAGNÉ, 2007. p. 20)

Então, como podemos ver em *A Lição de Anatomia do Temível Dr. Louison* (2014), Sérgio assume sua homossexualidade e estabelece seu relacionamento homoerótico com Bento Alves, sendo aceito pelos frequentadores do Parthenon (microterritório), como podemos ver pelo depoimento de Vitória Acauã<sup>5</sup> sobre eles:

Como deve saber, Sergio e Bento estão no interior do Pantanal, em busca de um manuscrito cabalístico trazido por desbravadores europeus no século XVII. É ótimo vê-los partir juntos, tão diferentes um do outro, e ao mesmo tempo tão perfeitos como casal. Bento é um gigante de pedra que adora aventuras e perigos. Sergio, um efebo cujos traços nos fazem imaginar como os jovens gregos teriam sido. Mas, quando estão juntos, tais diferenças são diluídas por uma absoluta afinidade de almas. (TAVARES, 2014. p. 112).

Isso nos mostra que no ambiente microterritorial do Parthenon Místico, o indivíduo homossexual é bem aceito e considerado livre para expressar seus desejos e fazer uso dos corpos e prazeres. Contudo, quando exposto ao espaço público, é repudiado pela sociedade (macroterritório), tal como a personagem Isaías Caminha nos declara na terceira parte de *A Lição de Anatomia do Temível Dr. Louison*:

Há exatas duas noites, fomos Sergio e eu ao aerocampo da cidade, para buscarmos Bento. Ao desembarcar, o quarentão heroico [Bento] entregou-se ao abraço apaixonado de Sergio. Era uma dupla singular e bela, antitética. Depois de matarem

<sup>4</sup> Concordamos aqui com o que é disposto por Louro (2008, p. 22) quando afirma: “Portanto, se a posição do homem branco heterossexual de classe média urbana foi construída, historicamente, como a posição-de-sujeito ou a identidade referencial, segue-se que serão diferentes todas as identidades que não correspondam a esta ou que desta se afastem.”.

<sup>5</sup> Esta personagem é intertextualmente importada para narrativa de Tavares (2014; 2016) da obra *Contos Amazônicos*, do autor Inglês de Sousa (2017), especificamente do conto *Acauã*.

as saudades com um beijo demorado que *ofendeu* a gentalha que passava por perto e que *corou* algumas senhoras que desembarcaram do zepelim, fomos buscar a bagagem do viajante. (TAVARES, 2014. p. 176. *Grifos nossos*).

Desta forma, podemos mencionar as duas outras personagens vislumbradas por este artigo, Pombinha e Léonie, como comprovação de uma sociedade que segrega o indivíduo homossexual. Ambas originárias do romance *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo (1997), são mencionadas no conto de Tavares, mas participam com maior atividade em *A Lição de Anatomia do Temível Dr. Louison* (2014). Elas, junto com Rita Baiana, gerenciam uma espécie de meretrício luxuoso o qual integra entre seus clientes indivíduos compreendidos em diversas orientações sexuais (gays, lésbicas, trans etc.). Focando na relação das duas personagens citadas, percebemos que seu relacionamento ainda é visto com um pouco de estranheza por sua sócia Rita. Na Parte III do romance de Tavares (2014), intitulada “Aventureiros Místicos e Cafetinas de Luxo”, temos um vislumbre subjetivo de Rita Baiana acerca do relacionamento das suas companheiras de negócios:

Ocê sabe, Senhorinha, minha linda, que não gosto de certas modernidades, como a Pomba e a Léonie, dormindo juntas... Não gosto... É que sou das antigas... mas de vez em quando... só de vez em quando... algumas senhoras me deixam até com calor. (TAVARES, 2014. p. 116)

É possível perceber nas palavras de Rita Baiana um leve apelo ao tradicionalismo heteronormativo quando ela diz “É que sou das antigas”. É curioso notar como este discurso funciona paradoxalmente com esta personagem uma vez que ela, para seu contexto de obra original e época, apresenta-se tão engessada em uma visão relacional heterossexual e aqui em Tavares (2014) ela mostra-se mais democrática sexualmente, uma vez que, afirmando o seguinte: “só de vez em quando... algumas senhoras me deixam até com calor” (TAVARES, 2014. p. 116) permite pensar em relacionar-se com mulher. Neste caso, fazemos um adendo à ideia do microterritório, por vez que este pensamento só concretiza-se diante do ambiente microterritorial do Palacete dos Prazeres.

Tomando por base a personagem Léonie de *O Cortiço*, vemos de acordo com Nascimento (2010, p. 362) que “A presença solícita da cocote, prostituta e lésbica, no cortiço seria outra face das patologias que aquele lugar materializava.”. Estas patologias compreendem erroneamente as orientações sexuais dissonantes à realidade heteronormativa.

Léonie, no romance de Azevedo (1997) é a responsável pela iniciação de Pombinha na vida sexual. Quanto a isso, podemos destacar o seguinte trecho de *O Cortiço* (1997) o qual descreve o primeiro contato sexual entre Léonie e Pombinha:

Pombinha arfava, relutando; mas o atrito daquelas duas grossas pomas irrequietas sobre seu mesquinho peito de donzela impúbere e o rogar vertiginoso daqueles

cabelos ásperos e crespos nas estações mais sensitivas da sua feminilidade, acabaram por foguear-lhe a pólvora do sangue, desertando-lhe a razão ao rebate dos sentidos. Agora, espolinhava-se toda, cerrando os dentes, fremindo-lhe a carne em crispações de espasmo; ao passo que a outra, por cima, doida de luxúria, irracional, feroz, revolteava, em corcovos de égua, bufando e relinchando.

E metia-lhe a língua tesa pela boca e pelas orelhas, e esmagava-lhe os olhos debaixo dos seus beijos lubrificadas de espuma, e mordia-lhe o lóbulo dos ombros, e agarrava-lhe convulsivamente o cabelo, como se quisesse arrancá-lo aos punhados. Até que, com um assomo mais forte, devorou-a num abraço de todo o corpo, ganindo ligeiros gritos, secos, curtos, muito agudos, e afinal desabou para o lado, exânime, inerte, os membros atirados num abandono de bêbedo, soltando de instante a instante um soluço estrangulado. (AZEVEDO, 1997. p. 71).

Aa duas personagens desenvolvem um relacionamento que em Tavares (2014) vemos constituir-se de forma mais sólida em um microterritório que é o Palacete dos Prazeres, o estabelecimento por elas gerenciado. Notamos que, tal como Costa (2010) propõe, estes espaços são apartados da sociedade de maneira que podemos notar um processo de segregação do indivíduo homossexual dos demais constituintes do meio social. Observando a formação desse microterritório, aliando aos conceitos de época do *steampunk* percebemos que

Léonie, assim como Albino e Botelho, representam aquilo que, no século XIX, seriam chagas sociais, cicatrizes na face de uma sociedade que se pretendia asséptica, regida por uma moral burguesa pautada na heteronormatividade. Suas práticas sexuais comporiam quadros das patologias, daquilo que deve ser combatido, tratado, para assim não perturbar a ordem asséptica que se almejavam. (NASCIMENTO, 2010. p. 363).

Logo, podemos também inferir que o relacionamento lésbico de Pombinha e Léonie ainda é visto com aversão pela sociedade de Tavares (2014), o que nos faz pensar que sua convivência só pode ter lugar em um ambiente no qual, do ponto de vista conservador que preza pela moralidade heterossexual, a promiscuidade preencha os espaços afastando-as da sociedade com o pretexto de manter o “bem e a ordem”. Desta forma, o indivíduo homossexual, nesta realidade, também é marginalizado pela sociedade. Isto comprova-se de acordo com o noitário de Léonie, na Terceira parte de *A Lição de Anatomia do Temível Dr. Louison* (2014). Esta faz um momento comparativo-metafórico entre a condição marginalizada das minorias e os suplícios impostos ao Jesus condenado à morte pelos romanos, descrito nos evangelhos:

A religião do crucificado tem lá o seu valor, senão enquanto verdade, enquanto metáfora. Somos todos como ele, pregados numa estaca e deixados para morrer, entre outras criaturas igualmente flageladas. Queremos água, e nos dão vinho avinagrado. Queremos palavras de boa sorte, e nos furam o bucho com uma lança. Queremos presentes, e nos tiram as roupas, jogando jogos de sorte e azar. Queremos um pai que nos abrace e temos apenas o nosso abandono. Mas, como escrevi, não sou filósofa. Sou uma cafetina e tenho um negócio para tocar. (TAVARES, 2014. p. 121).

Diante disto, recapitulando o contexto das personagens que observamos, podemos constatar que o uso do intertexto literário na obra de Enéias Tavares possui as seguintes aplicações: 1) caracteriza o ambiente e o contextualiza cronologicamente na atmosfera do

século XIX, atendendo à proposta do *steampunk* de uma realidade que se apresenta com as nuances culturais e de aspecto visual referentes aos séculos passados, por mais que se proponha a existência de tecnologias avançadas à época nestas narrativas, visto que bebe em fontes produzidas e que remetem ao contexto temporal explorado; e 2) a partir das observações sobre as personagens das obras escolhidas, fornecem oportunidade para que estes indivíduos literários expressem-se personificados na voz do narrador, fixando no texto suas impressões acerca da realidade, uma vez que em suas narrativas originais e em Tavares (2014; 2016) pode-se constatar que sofriram/sofram represálias da sociedade.

Este empréstimo intertextual também justifica-se uma vez que, no *steampunk*:

A relação com o século XIX se dá a partir das referências históricas e da estética desse período. As próprias narrativas históricas servem de inspiração, pois as histórias criam personagens baseados em nomes, fatos e contextos históricos, mesclando-os em uma “história alternativa”. (FERNANDES, HERSCHMANN & PEGORARO, 2013).

De acordo com esta assertiva, podemos também ressaltar a capacidade da qual dispõe o viés *steampunk* para localizar problemas sociais e os trazer em evidência. Na obra de Tavares podemos perceber estas complicações modernas no momento em que são apresentadas a figura da mulher, do negro e do homossexual diante da sociedade de Porto Alegre dos Amantes. As personagens que caracterizam-se nestes grupos ao mesmo tempo que sofrem com o preconceito social encontram abrigo e refúgio em agremiações e instituições de natureza microterritorial. É o caso do Parthenon Místico, descrito com detalhes em *A Lição de Anatomia do Temível Dr. Louison* (2014), agremiação envolvida com causas sociais das minorias<sup>6</sup>. Compreendendo isto, percebe-se que

O universo *steampunk* busca justamente construir linhas de fuga, afastando-se da linearidade e da racionalização crescente do mundo global e/ou, especialmente, colocando-se em tensão com a normatização da vida cotidiana. (FERNANDES, HERSCHMANN & PEGORARO, 2013).

Nisto vemos algumas das problemáticas sociais contemporâneas surgirem nesta literatura de forma destacada, ou até hiperbolizada. Partindo das obras de Tavares, percebemos que em *A Lição de Anatomia do Temível Dr. Louison* (2014) o tema motivador dos crimes de Louison é a vingança, oriunda das práticas do grupo conhecido como “Camarilha da Dor”. Os atos desta, encerrados na personagem Beatriz de Almeida, denotam os problemas atuais do

---

<sup>6</sup> Entenda o leitor a partir deste termo aquilo que Louro (2004, *apud* MIRANDA e GARCIA, 2012. p. 6) propõe sobre *minorias*: “As minorias nunca poderiam se traduzir como uma inferioridade numérica, mas sim como maiorias silenciosas que, ao se politizar, convertem o gueto em território e o estigma em orgulho – gay, étnico, de gênero”. Estas minorias, de acordo com que estes pesquisadores nos mostram, são grupos socioculturais que diferem da proposta tradicionalista, machista, branca e heterossexual. No caso deste artigo, as minorias culturais as quais nos referimos são as que se encontram em dissonância ao modelo heterossexual de objetivos afetivos e de identidade sexual.

abuso infantil, injustiça e a violência contra a mulher. Notamos proposta similar no conto *Bento Alves e o assalto ao Templo Positivista* (2016), uma vez que neste conto é conduzida uma missão de resgate com o objetivo de salvar a personagem Vitória Acauã que, ainda criança, passa por experiências científicas excruciantes sob o poder dos indivíduos pertencentes ao Templo Positivista, denotando hiperbolicamente o abuso infantil.

A presença dessas problemáticas gerando o clímax das narrativas corroboram à construção de uma realidade imperfeita e melancólica, dissociando a crença de um universo altamente tecnológico e desenvolvido de uma realidade idealizada, utópica. Partindo disto, temos uma literatura construída em ambientes distópicos da realidade.

### 3 A construção dos ambientes distópicos do *steampunk* em Enéias Tavares

Para podermos compreender o que se propõe como *distopia*, é necessário vislumbrarmos o que se entende, também, por *utopia*. Este termo, de origem grega e enfatizado na obra homônima de Thomas More, publicada em 1516, é compreendido *ipsis literis* como o “não-lugar”. Este conceito de um *topos* que não existe expande-se às formas conceituais de um lugar idealizado, contudo, inalcançável. Desta forma, “a essência da utopia gira sempre em torno de um paradoxo: viver em um bom lugar onde tudo é possível, mas que não existe” (SILVA, S. S. T., 2008. p. 33).

Há em variadas culturas, transcendendo séculos de história, indícios da existência de lugares utópicos que remontam à ideia de um espaço ideal, contudo baseado em uma situação de distanciamento, dos quais até em dias atuais persistem no ideário popular. Destes, a partir de um breve vislumbre da história, podemos citar: a Era Dourada, descrita pelos pensadores gregos da antiguidade; *Shangri-la*, uma cidade paradisíaca situada nas montanhas do Himalaia, apresentada no romance *Lost Horizon*, do inglês James Hilton; e, na tradição judaico-cristã, o Paraíso, construído no início da Criação, como também a Nova Jerusalém, apresentada no Apocalipse bíblico, após a destruição do mundo. Nestes locais promove-se a presença de uma constante bonança, regida por ideais que sustentam a compreensão de uma sociedade igualitária e justa. Estes ambientes “perfeitos” favorecem a ideia de uma tentativa quase impossível de alcançá-los por parte dos indivíduos não estão incluídos neles, seja pela força dos deuses, seja pela da natureza. Seu caráter atraente, contudo apartado de uma realidade palpável, nos ambienta para ver que o pensamento ou imaginação utópica é algo arraigado ao ser humano,

de modo que, sem ela, assim como sem a esperança, o sonho e o desejo, o ser humano não é capaz de viver ou sobreviver em um mundo como o nosso. Neste caso, a construção de mundos imaginários, livres das dificuldades encontradas na vida real, é



recorrente de uma forma ou de outra, em grande parte das culturas (SILVA, S. S. T. 2008. p. 29)

A utopia, então, configura-se na formulação de realidades que servem como modelo ou exemplo para uma presente situação social. Seus vislumbres de uma forma idealística distante na qual poderão ser evocados valores de paz, igualdade e justiça, fazem jus à necessidade de vida regida por respeito à individualidade e escolhas permitidos em um contexto no qual a sociedade busque a harmonia entre seus membros. Deste modo, foram adequadas às utopias formas críticas de pensamento em relação ao convívio social e sociedade. Silva, S. S. T. (2008, p. 30) nos mostra que

Os conceitos de utopia alternam constantemente, assumindo características variadas de acordo com cada época histórica, ora como forma literária, ora como forma de pensamento crítico da sociedade.” (SILVA S. S. T., 2008. p. 30).

Na ficção literária, em diversas obras, observamos a proposição de sociedades que desviam-se das premissas concernentes às narrativas utópicas, quando suas tramas descrevem lugares e acontecimentos os quais evocam atmosferas negativas e críticas, permeadas de problemas. São espaços literários que contrastam as qualidades e defeitos da sociedade e evidenciam estes. Desta primeira contextualização, partimos daquilo que Cavalcanti (2009) descreve como *distopia*:

Imbuídas de conotações espaciais já desde sua etimologia de origem grega, as distopias apresentam um “topos”, quer dizer, um lugar, definido a partir de um contraste às visões do suposto “bom lugar” configuradas pelas eutopias literárias. Sendo assim, concentram-se na descrição de topografias em que as condições de existência (as relações sociais, o meio-ambiente, as assimetrias de poder, o acesso à esfera pública de participação, a liberdade dos seres humanos, etc.) constituem extrapolações, agudas em seu pessimismo, de situações reconhecíveis nos contextos em que são produzidas. (CAVALCANTI, 2009).

A partir das pesquisas produzidas pela professora e pesquisadora da Universidade Federal de Alagoas Ildney Cavalcanti (2009), nos são delineadas algumas características mais proeminentes quando conjecturamos acerca das narrativas pautadas nos conceitos distópicos. Destas, podemos evidenciar três: 1) apresentações de mundos construídos sob ótica futura/futurista; 2) os índices de pessimismo/negatividade e melancolia nas narrativas; e 3) enfoque hiperbólico em problemáticas concernentes à vida em sociedade e seus variados grupos.

Quanto ao quesito de representações de uma realidade futura/futurística, evoca-se o conceito de distância nascido nas formatações atuais da ideia de utopia. Tanto nas narrativas utópicas quanto nas distópicas, o ambiente no qual o enredo passa está sobremaneira distante do contato da realidade do autor/leitor. O primeiro, em seu conceito mais simples, distancia-se em seu ideal e impossibilidade de coexistir diante da conjuntura existente na sociedade, isto

quando consideramos a multiplicidade e divergência de pensamentos dos indivíduos que a compõem. Atém-se a um conceito mais etéreo. Já a segunda, compreende mais fisicamente um avanço cronológico ou, como é o caso do *steampunk*, um retrocesso temporal imerso em um avanço tecnológico deveras desenvolvido para realidade contemporânea ao universo deste tipo de narrativa. Para as narrativas distópicas, o segundo aspecto que mencionamos anteriormente corrobora à implementação do espaço dissonante à utopia: a negatividade.

Se nas mais variadas formas de utopia o apogeu dos espaços utópicos dá-se através de uma relativa satisfação e bem-estar dos seus envolvidos, nas distopias, o caráter melancólico e pessimista perpetua em seus espaços uma contínua sensação de devir, locada na ansiedade e apreensão demonstrada por suas personagens quanto ao enredo e seus objetivos diante da sociedade. Tal como compreendemos de acordo com Silva, A. P. D. (2008), nas distopias é perceptível a presença de algo que podemos entender como *locus terrificus*<sup>7</sup>. O local ou espaço nas narrativas distópicas que concentra a negatividade e terror que justifica, através de um aspecto chocante, a ambientação distópica.

Observemos em *A Lição de Anatomia do Temível Dr. Louison* (2014), na segunda parte (Alienados e Alienistas), a atuação da personagem Simão Bacamarte. Este, tal como mencionamos na primeira parte deste artigo, apresenta-se como intertexto literário, por sua vez oriundo da narrativa *O Alienista*, de Machado de Assis (1994). Após o término do enredo do seu livro originário, ao qual esta personagem mostra que forja sua morte com o pretexto de fugir para Porto Alegre, constrói na narrativa de Tavares um estabelecimento similar a um sanatório com o pretexto de tratar indivíduos portadores de patologias mentais.

O Asilo São Pedro para Psicóticos e Histéricas, que Bacamarte gerencia, é mencionado em muitas partes do livro além da segunda. Neste local são encerrados os indivíduos que são classificados por Simão Bacamarte como doentes mentais. Contudo, tal como podemos ver no livro de Machado de Assis (1994), esta personagem compreende por enfermo mental quaisquer indivíduos que apresentem comportamento ou crença dissimétricos aos seus, uma vez que esta personagem mostra-se como seguidor dos preceitos de uma visão tradicional e conservadora da realidade, pautada na ideia de que os indivíduos que atuem de maneira a contrariar uma realidade machista, branca e heterossexual são considerados diferentes e, porventura, loucos.

Bacamarte em Tavares (2014) utiliza métodos grotescos de tratamento para as “patologias” que são apresentadas por seus pacientes, desde camisas de força até a amputação de genitália. Seus pacientes/vítimas são geralmente mulheres e homossexuais. Em “Alienados

---

<sup>7</sup> Do latim, *local terrível*, ou *lugar aterrorizante*.

e Alienistas”, segunda parte do romance de Tavares (2014), vemos o próprio Bacamarte descrever seu sanatório:

A inspiração veio de Dante e dos círculos infernais, amostras dos benefícios de um sistema organizado para a contenção da superpopulação. Como o inferno, o asilo é uma concha em direção ao escuro e oco antro da loucura. (TAVARES, 2014. p. 69).

E, tal como no Inferno, do poeta italiano Dante Alighieri, vemos outras personagens descrever este ambiente de forma a imaginarmos o terror imposto aos detentos dele. A personagem Isaías Caminha<sup>8</sup> descreve suas impressões do lugar da seguinte forma:

A bela cena paisagística era acompanhada por uma litania de gritos, súplicas e choros, quando não de ranger de dentes, alguns abafados pelo som de engrenagens mecânicas e correntes de confinamento. Cada canto do asilo era um moinho satânico de opressão e impensável sofrimento. (TAVARES, 2014. p. 50)

A personagem central do romance, o Dr. Antoine Louison, também mostra suas impressões acerca do Asilo São Pedro em uma carta endereçada a Simão Bacamarte:

Pelo que tenho visto das notícias e das conversas que tive com familiares que tiveram a infelicidade de submeter entes queridos ao seu tratamento, tendo depois seu acesso a eles vetado, São Pedro transmutou-se no que há de mais nocivo, ignóbil e perverso na aurora deste novo século, um século tão extraordinário em invenções e horrores. Embora nomeie seu trabalho de medicina, penso que seus hábitos de pensamento e seus dispositivos de contenção e tortura empalideceriam a alma até mesmo de atozes mestres inquisidores. (TAVARES, 2014. p. 72)

Partindo então destas observações, percebemos que a sociedade desta narrativa permite a existência de ambientes como o Asilo São Pedro, de maneira a estabelecer via de cura para indivíduos desviantes da visão tradicional conservadora que mencionamos anteriormente. A existência de locais como este perpetua na população da Porto Alegre tauriana um sentimento negativo de repulsa e assombro. Estas causas denotam a partir da negatividade e pessimismo aquilo que Silva, A. P. D (2008) mostra ao caracterizar a distopia literária:

a distopia literária confere às suas personagens um lugar num mundo “piorado” em relação à realidade aparente, sem saídas ou utopias positivas, sem possibilidades de sonhos para o dia seguinte, sem respostas para as angústias inaugurais daqueles que passam a experimentar o limiar de uma sociedade tecnocrata, injusta com a cultura e com a natureza, priorizando princípios isolados de sobrevivência em detrimento do apoio coletivo à manutenção dos membros sociais, estratégias essas desenvolvidas ou postas em prática por governos totalitários e ditatoriais. (SILVA, A. P. D. 2008. p. 9-10).

Dessa forma, já implicando sobre o terceiro aspecto referente à distopia que citamos anteriormente, compreendemos também que, tal como Silva, S. S. T. (2008, p. 41) aponta, “a negatividade, característica marcante das distopias em geral, funciona como uma forma de se expressar uma visão das assimetrias e desigualdades encontradas no mundo contemporâneo.”.

---

<sup>8</sup> Esta personagem, tal como o leitor poderá perceber, também participa da seleção de intertextos literários atuantes na narrativa de Tavares. Por sua vez, Isaías Caminha é advindo do romance de Lima Barreto (1995) *Recordações do escrivo Isaías Caminha*.

Durante a narrativa do romance, podemos ver que a Louison é levado para o Asilo São Pedro após ser capturado pela polícia. É tido por psicopata e lá é encarcerado enquanto aguarda sua pena de morte. De modo a obter sua fuga, os membros do Parthenon Místico armam um plano para libertá-lo, usando os aparatos tecnológicos desenvolvidos pela personagem Dr. Benignus. Na resolução do clímax desta cena, vemos que a instituição administrada por Simão Bacamarte é desativada e este personagem é encontrado no recém-invadido edifício delirando em uma situação de loucura psicótica.

Por mais que percebamos que em *A Lição de Anatomia do Temível Dr. Louison* (2014) o Asilo São Pedro seja desativado após o ataque do Parthenon Místico em resgate ao prisioneiro Louison, logo poderíamos inferir que no universo de Tavares trata-se de apenas esta instituição como ambiente distópico. Entretanto, ao lermos o conto *Bento Alves e o assalto ao Templo Positivista*, percebemos que, anteriormente ao sanatório de Bacamarte, a instituição presente no título do conto já atuava. Neste caso, a prisão do indivíduo diferente tinha por objetivo a realização de experiências físicas com foco médico-científico.

Embora publicado posteriormente ao romance anteriormente citado, o conto de Tavares (2016) observado neste artigo expressa um momento anterior aos acontecimentos de *A Lição de Anatomia do Temível Dr. Louison* (2014). Desta forma podemos supor que instituições como o Templo Positivista e o Asilo São Pedro surgem nesta realidade por sua vez de modo a construir ambientes distópicos da narrativa. Embora existam frentes reacionárias<sup>9</sup> às atitudes dos envolvidos com estes ambientes, a tendência é o ressurgimento de novas instituições regulamentárias à negatividade melancólica e inquietante da distopia *steampunk*.

Diante disto, percebe-se que os ambientes distópicos existem nesta narrativa de modo a caracterizar-se com as seguintes funções: 1) assomam os níveis de negatividade e terror à narrativa; 2) evocam atitude de ameaça ao indivíduo homossexual uma vez que o concebe como problemático diante da visão conservadora já mencionada neste artigo. Observa-se que na obra de Tavares, a sociedade representada não aceita o convívio do ser destoante ao heteronormatismo vigente nela, uma vez que compreende ambientes aterrorizantes nos quais os homossexuais são um dos grupos submetidos à agruras físicas e psicológicas.

---

<sup>9</sup> Note o leitor que estas “frentes reacionárias”, tal como mencionamos aqui, corroboram ao estabelecimento da proposta incluída na partícula “*punk*” do viés retrofuturista aqui estudado, uma vez que, como nos referimos anteriormente, a cultura *punk* compreende movimentos de rebeldia, neste caso às instituições que favorecem o estabelecimento do espaço distópico.

## Considerações Finais

Portanto, compreendendo o que até aqui observamos, concluímos este artigo de modo a perceber no romance e no conto de Tavares (2014, 2016) um grupo compreendido como uma minoria cultural, a saber os homossexuais, ao qual a sociedade representada na obra impõe o preconceito e o opróbio. É perceptível isto quando cruzamos as realidades literárias intertextuais que o autor utiliza, de maneira que ilustram contextos e trazem recurso de narração ao personagem homossexual da narrativa canônica brasileira em uma obra contemporânea.

De maneira intrínseca, o intertexto literário desta obra oferece caminhos para o vislumbre de ambientes distópicos, uma vez que os personagens imigrantes de outras narrativas trazem consigo uma história oriunda de suas narrativas originais, personificando-se em Tavares em um meio social preconceituoso que cultiva ambientes hostis, os quais demonstram que por mais que constitua-se em uma realidade tecnologicamente avançada ao contexto cronológico em que se nos mostra, retrocede nos meios de inclusão, antes agindo avessamente às representações homossexuais presentes nas tramas do romance e conto.

Perante este ambiente social distópico, as personagens homossexuais que estudamos neste artigo são motivo de vexame à realidade representada na ficção de Tavares, o que corrobora à criação de microterritórios espaciais (o Parthenon Místico e o Palacete dos Prazeres) e textuais (as correspondências e noitários, gêneros textuais de aspecto intimista). Em contato com a sociedade porto-alegrense das obras estudadas, percebemos que estes indivíduos são alvos do preconceito familiar e social, sendo compreendidos como portadores de patologias mentais. Com esta proposição, vemos justificado na instalação do Asilo São Pedro a proposta distópica de uma realidade aterrorizante, visto que estes indivíduos que para este *locus* eram levados sofriam toda sorte de torturas físicas e psicológicas com o pretexto de estarem sendo “curados”.

A partir da caracterização do conceito de distopia anteriormente citada dos estudos de Cavalcanti (2009), Silva, A. P. D (2008) e Silva, S. S. T. (2008) nos permite, por vias de análise, aplicá-lo à literatura *steampunk*. Se compreendemos esta como uma versão retrofuturista da realidade, notamos que a presença do alto desenvolvimento tecnológico não soluciona os problemas latentes da sociedade, no caso deste artigo, aqueles referentes à sexualidade expressa por seus personagens em diálogo com a sociedade criada por Tavares (2014; 2016). Desta forma, os ambientes distópicos que formam o presente momento literário *steamer* na sua forma

corroboram à formulação de narrações impregnadas de pessimismo/negatividade, seja nas construções dos espaços<sup>10</sup> narrativos, seja da forma como as personagens nos são apresentadas.

As narrativas distópicas, nas quais podemos compreender muitas obras sob o viés *steampunk*, oferecem ambientes em que o *cronos* objetiva uma realidade futura/futurística. Este contexto cronológico é apresentado paradoxalmente uma vez que os indivíduos atores neste espaço expressam intensa negatividade embora as condições permitam um avanço intelectual e tecnológico. As narrativas distópicas constituem-se não tão distantes das utopias quanto a noção de modelo. Uma vez que estas apresentam um mundo idealizado, aquelas nos confrontam a um mundo no qual a sociedade, não combatendo as mazelas nela presentes, pode vir a constituir-se em um mundo caótico. Toma-se a narrativa distópica como uma advertência de um futuro decadente. Segundo Hilário (2013), esta característica compreende o objetivo das ficções distópicas, uma vez que este “é analisar as sombras produzidas pelas luzes utópicas, as quais iluminam completamente o presente na mesma medida em que ofuscam o futuro.” Diante deste pressuposto:

A narrativa distópica não se configura, deste modo, apenas como visão futurista ou ficção, mas também como uma previsão a qual é preciso combater no presente. Ela busca fazer soar o alarme que consiste em avisar que se as forças opressoras que compõem o presente continuarem vencendo, nosso futuro se direcionará à catástrofe e barbárie. (HILÁRIO, 2013. p. 206).

Este conceito explica-se quando os autores, aplicando este às produções *steampunk*, descrevem realidades sociais presentes na atualidade e as propõem ambientada neste contexto retrofuturista, objetivando evidenciar esses problemas de modo a trazê-los à notoriedade em uma espécie de espelhamento das dificuldades encontradas na conjuntura da atual sociedade tal como Silva, A. P. D. (2008, p. 12) nos mostra: “A distopia literária, então, através do filtro social captado pelo/ a autor/a investe numa escrita estritamente ‘terrificante’ como forma de revelar determinadas nuances de males que atingem o mundo”, o que nos conclui por conceder uma visão à terceira característica elencada acerca do conceito de distopia vista neste trabalho, que as distopias compreendem um vislumbre hiperbólico dos problemas da sociedade, sendo este caracterizado por um prognóstico social, demonstrando futuras possibilidades advindas dos comportamentos contemporâneos malignos se não combatidos.

---

<sup>10</sup> Aplicamos aqui o conceito de espaço narrativo pela ótica da topoanálise que, segundo Borges Filho (2008), conserva “o conceito de espaço como um conceito amplo que abarcaria tudo o que está inscrito em uma obra literária como tamanho, forma, objetos e suas relações” (p. 1). Para tanto, o termo “ambiente”, usado neste artigo, circunscreve-se nesta afirmação de modo a reduzir a amplitude do conceito de espaço, permitindo uma compreensão mais restritiva da ideia geral do topônimo distópico na obra de Enéias Tavares.

## INTERTEXT AND HOMOEROTIC DISTOPIA IN THE ENVIRONMENT STEAMPUNK OF ENÉIAS TAVARES

### ABSTRACT

This work consists of analyzes on characters and environments of the works *A Lição de Anatomia do Temível Dr. Louison* (2014) and *Bento Alves e o assalto ao Templo Positivista* (2016), both by the contemporary author Enéias Tavares. It aims to show that the environments by this author are dystopic because they represent repression of homoerotic representations before the society represented in the narrative. The method used is based on the textual-cultural and theoretical reading of the works. Describes steampunk as culture and literature, base in Pegoraro (2012). It notes a presence of intertextuality as an attestation of the presence of the influence of the 19th century literary canon in this work. Analyzing the environments in relation to the characters from the perspective of dystopia presented by Cavalcanti (2009), Silva, A. P. D. (2008), Silva, S. S. T. (2008) and Hilário (2013). It concludes by showing the dystopic environments as founders of the presence of a society represented biased that favors a creation of microterritories to move away from the homoerotic figure of its environment.

**Keywords:** Intertextuality. Dystopia. Homoerotic. Microterritorial. Literary analysis.

## REFERÊNCIAS

ALÓS, Anselmo Peres. Texto literário, texto cultural, intertextualidade. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. v. 4, n. 6, 2006. <www.revel.inf.br>. acesso em 07 de janeiro de 2018, às 14:26.

ÁLVARES DE AZEVEDO, Manuel Antônio. **Noite na taverna**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

AZEVEDO, Aluísio Tancredo Gonçalves de. **O Cortiço**. São Paulo: Ática, 1997.

BORGES FILHO, Oziris. Espaço e literatura: introdução à Topoanálise. In: **XI Congresso Internacional ABRALIC**. v. 01. São Paulo, 2008. p. 01-07.

CAVALCANTI, Ildney. Às margens das margens, o futuro do futuro: o espaço-tempo utópico em *Body of Glass*, de Marge Piercy. In: Sacramento, Sandra. (Org.). **Gênero, Identidade e hibridismo cultural: enfoques possíveis**. Ilhéus: Editus - Editora da UESC, 2009. p. 194-202

COSTA, Benhur Pinós da. Espaço social, cultura e território: o processo de microterritorialização homoerótica. **Espaço e Cultura (UERJ)**, v. 27, 2010. p. 25-36.

DALCASTAGNÈ, Regina A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. **Letras de Hoje**, v. 42, 2007. p. 18-31.

FERNANDES, Cintia Sanmartin; HERSCHMANN, Micael Maiolino; PEGORARO, Éverly; Steampunk e retrofuturismo: reflexos de inquietações sociotemporais contemporâneas. **Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo. v. 10, 2013. p. 209-228.

GIACOMOLLI, Dóris Helena Soares da Silva. Literatura Comparada e Intertextualidade. Saramago e Patativa do Assaré: O Homem Faz do Mundo um Texto para Produzir Sentido. **Millenium**, 46-A. 2014. p. 178-202.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. Teoria Crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. **Anuário de Literatura (UFSC)**. Santa Catarina v. 18, 2013. p. 201-215.

INGLÊS DE SOUSA, Marco Herculano. **Contos Amazônicos**. Jundiaí: Cadernos do mundo inteiro, 2017



LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. **Recordações do escrívão Isaías Caminha**. São Paulo: Ática, 1995

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-posições (UNICAMP)**, v. 19 (2), 2008. p. 17 – 23.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **O Alienista**. São Paulo: FTD, 1994.

MATANGRANO, Bruno Anselmi. O olhar contemporâneo na releitura do moderno: A lição de anatomia do temível Dr. Louison. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. Brasília: 2016. p. 247-280.

MIRANDA, Olinson Coutinho. A Teoria Queer como representação da cultura de uma minoria. In: **III EBECULT, III Encontro Baiano de estudos em cultura**, 2012, Cachoeira. III Ebecult, 2012.

NASCIMENTO, Paulo de Oliveira. Homossexualidade em *O Cortiço*: O Naturalismo e as Patologias sociais. In: **IV Colóquio de História: Abordagens interdisciplinares sobre História da Sexualidade**. UNICAP, 2010. p. 353 – 364.

NITRINI, Sandra. **Literatura comparada** (História, Teoria e Crítica). 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2010. v. 1. p. 125-182.

PEGORARO, Éverly. Steampunk: as transgressões temporais negociadas de uma cultura retrofuturista. **Cadernos de Comunicação (UFSM)**, v. 16, 2012. p. 389-400.

POMPEIA, Raul. **O Ateneu**. São Paulo: Ática, 1996

SANTOS, Ana Carolina Clemente dos; AMORIM NETO, Thomaz Pereira de; GÓES, Andréa Carla de Souza. **Ficção científica e o Admirável mundo novo**: previsões concretizadas no atual século e considerações bioéticas. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.20, n.2, abr.-jun. 2013, p.653 – 673.

SILVA, Antônio de Pádua Dias da. A cidade deteriorada: distopia e ecologia na ficção de Ignácio de Loyola Brandão. **Terra Roxa e Outras Terras**. v. 12, 2008. p. 5 – 15.

SILVA, Suênio Stevenson Tomaz da. **As Tensões entre os aspectos utópicos e distópicos em Surfacing de Margaret Atwood e As Parceiras de Lya Luft**. 2008. Dissertação

(Mestrado em Literatura e Interculturalidade – Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade) Campina Grande: UEPB, 2008.

TAVARES, Enéias. **A Lição de Anatomia do Temível Dr. Louison**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

\_\_\_\_\_. **Bento Alves e o assalto ao Templo Positivista**. Edição Kindle, 2016

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

**ANEXO A – CONTO ANALISADO NO ARTIGO****BRASILIANA STEAMPUNK****CONTOS****I****BENTO ALVES & O ASSALTO AO TEMPLO POSITIVISTA**

Ilha do Desencanto, 02 de Maio de 1896.

**I**

*Querido Amigo*

Escrevemos para registrar o imerso no espírito ou para expulsá-lo dali, incapazes que somos de exilar o passado, com seus maquinários e monstros? No meu caso, escrevo também para compreender os eventos terríveis que nos últimos dias levaram-me às margens soturnas do Letes. Acima de tudo, escrevo para revelar-me a ti, como tantas vezes fiz na curta temporada em que dividimos sonhos & desejos, entre os muros da malfadada escola.

Lamento a ausência de tuas cartas e pergunto-me quando foi que deixei de motivar tua escrita. De minha parte, perambulei pelo mundo, depois de cindir os grillhões familiares. Ao antever-me no destino das irmãs casadas e tristes, explodi naquele “furor poderoso dos calados”, para usar teu palavreado, num ódio cáustico e vulcânico. Depois de nossa separação e do enlace que a motivou, como ignorar os desejos que ardiam na caldeira do meu coração?

Agora, porém, é diferente. Após ofertar minha face à morte, não te escrevo para relembrar o transcurso do que vivemos. Escrevo, antes, para dissuadir-te do caminho das conveniências maritais ou sociais que pouco ou nada espelham a criança impetuosa que amei outrora. E não pretendo fazer isso, meu caro, por meio de ladainha rotineira e maçante com a qual aspergi meus prévios relatos.

Doravante, prepara-te para uma estória em tudo inusitada, registrada aqui à antiga, com a tinta escura manchando a alvura do papel de carta. Ao recusar a frieza das máquinas tipomecânicas, o impessoal dos gravadores fonográficos ou a secura dos secretários robóticos, modismo destes dias, quero tão somente ofertar-te o retrato da agonia vivida, razão de minha renovada determinação.

Assim, desejo remeter-te – na imperfeição desta letra feia, produzida pela mão grosseirona que tantas vezes afagou teus cabelos e executada no transcurso da noite úmida, ao som do coaxar e do bater das águas escuras sobre a encosta da ilhota – a narrativa das últimas peripécias, das quais por pouco não sobrevivi.

A ventura teve início há exatas seis semanas, na nefasta taverna na qual depositava minhas moedas puídas, na tentativa de encontrar no escuro do vinho a resposta à minha solidão invertida. Voltava de uma expedição aos açores, em busca de pedrarias raras e perigosas experiências, sorvendo do tédio e da nevrose, deixando minha compleição varonil e heroica entregue à afasia alcoólica. Minha meditação foi interrompida por uma estranha e singular figura de uns sessenta anos, magra e elegante, com olhos muito alegres e vívidos.

Apresentou-se como “Professor Benignus” e diverti-me imaginando o nome de um hipotético gêmeo. Ao dizer-me o velhaco que tinha uma proposta rendosa, dei-lhe as costas julgando pertencente à espécie de escória que nós dois conhecemos bem. Ele, todavia, atravancou minha saída com o corpo e estendeu a mão ossuda. Dela recebi um fino cartão, enquanto assegurava tratar-se de um acerto de meu interesse.

O cartão indicava a Independência do Reinado, na parte alta da cidade, apresentando no verso seu nome e o horário no qual me aguardaria. Tratava-se do novo meretrício da cidade, sensação dos homens de gosto e renome. Carente de ambos, vesti meu melhor terno de linho claro, não antes sem banhar-me e raspar a barba de dias. Tomei uma charrete, guiada por um estúpido enferrujar, e segui minha sina noite adentro.

Chegando ao afamado Sobrado das Cariocas, administrado por três damas que respondiam pelas alcunhas de Léonie, Rita e Pombinha, surpreendi-me com a elegância do casarão reformado, com a qualidade da música lá produzida e com os produtos então ofertados: mulheres belas, efebos elegantes e criaturas andróginas.

No primeiro andar do casarão português ficavam os salões públicos, onde bebidas eram servidas, danças executadas e corpos negociados. No superior, dispunham-se as alcovas particulares, cosmos libidinosos de prazer, perfume e pecado, onde até o impensável poderia ser solicitado.

Encontrei Benignus numa elegante poltrona aveludada. Fumava uma cigarrilha azulada, cuja fragrância avivou meus sentidos. Não havia serviçais robóticos, apenas seres de carne que iam e vinham, atendendo às mesas. Ao sentar-me ao seu lado, num alto estofado gêmeo, pediu uma garrafa de vinho.

Aguardei a bebida, enquanto acendia um cigarro. Depois de servido por um atraente menino de uns doze ou treze anos, levei a taça aos lábios e questionei o ancião sobre o tipo de

tarefa requerida. Ele riu, afirmando admirar minha ousadia de aventureiro, que percorrera quando jovem territórios, mares e ilhas longínquas, “abraçando intempéries naturais como se fossem antigos amantes.”

Se o grisalho continuasse falando assim, findaria por me conquistar, vaidoso que sou a qualquer elogio revestido de poeticidade. “Eu gosto do seu espírito ousado, meu jovem, pois eu mesmo possuo um assim, embora tenha ficado por décadas adormecido, alojado no conforto doméstico. Agora, porém, apesar de minha velhice, gosto de pensar que tenho a disposição de um jovem cadete.”

Depois de um breve silêncio, supliquei-lhe que fosse objetivo. Pediu-me paciência, pois o assunto era delicado. Após vigiar a escadaria dupla e o movimento de uma jovem ruiva que descia por ela com toda exuberância do busto descoberto, perguntou se eu acreditava na ciência e na magia.

Ponderei a resposta e disse-lhe que ambas eram ficções humanas, sendo que a primeira poderia explicar o universo e outros processos naturais, ao passo que a segunda poderia, se bem articulada, explicar verdades mais sutis e mutáveis, aquelas da consciência, da energia e da arte. “Obviamente”, acrescentei, “como um homem do mundo, tenderia a dizer que ciência é mais útil que magia, mas em última instância, que ambas poderiam ser falseadas.”

Benignus tirou do bolso do casaco uma singular luneta de latão, incrustada de rubis e parcialmente revestida de couro. Era antiga e artesanal, dessas que encontraríamos no poder de um navegador renascentista ou de um mestre cavalista.

Adivinhando minhas ideias, disse-me que era disso que se tratava, uma vez que as lentes do artefato foram produzidas e encantadas por um feiticeiro armênio, provocando a sorte e a desgraça de um notório carioca, vinte anos antes.

Ordenou que eu olhasse o salão através delas. Num primeiro momento, vi a duplicação da imagem anterior: um cenário sombrio e elegante, no qual o cinza dos trajes masculinos poluía o acetinado colorido dos vestidos das mulheres. Dançavam, se abraçavam e sorriam, num bailado fulgurante e intenso.

O velho pediu então que eu ajustasse o arrendado sintonizador metálico, alocado na lateral do objeto, que mostrava símbolos astronômicos ao invés de números. Ao fazê-lo, senti o tempo diminuir o seu curso.

Na imagem que agora passeava lenta diante da retina, como e estivesse sob o efeito do ópio entorpecente, a paisagem transmutou-se.

Nela, vi homens com olhares cheios de vício e luxúria, dominados pela concupiscência e pela lascívia, entregues às mulheres e aos jovens que os recebiam e vigiavam seus bolsos.

Uma das coquetes, a delicada ruiva que descera momentos antes, pretendia matar um deles naquela noite, por vingança. O biltre merecia, pois na noite anterior, espancara e humilhara uma das jovens de quem havia alugado o sexo, marcando-lhe o rosto para sempre.

Não conhecia aquela gente e não sabia nada daquelas histórias, mas via tudo em detalhes, na imagem que se formava na parelha das lentes. Sem dúvida, uma luneta mágica que mostrava não só a aparência externa dos seres, mas a sua putrefeita essência, energizada por forças obscuras e pérfidas.

Assustado, afastei o objeto da vista, temendo mirar um espelho. O que tal engenhoca portentosa revelaria diante dele? Devolvi-a, não disfarçando meu assombro com o alcance daquela invenção. “Sim”, disse-me, “são inquietantes as revelações dessas lentes, lentes mágicas que salvei da destruição. Porém, a união delas nesta luneta é ciência mecânica, exemplificada por este sintonizador. Penso, Bento, que tal portento comprove o poder e alcance da magia imaginativa unida à magia científica. Isso demonstrado, posso então passar à minha proposta.”

Sorriu orgulhoso enquanto guardava o objeto no bolso da sobrecasaca.

Terminei o cálice de vinho ainda excitado pelo que acabara de ver e animado pelo que o homem tinha a propor. Serviu-me outro copo e perguntou se eu desejaria perscrutar mistérios como aquele, se estaria “interessado em adentrar um mundo além das minhas mais assombrosas aspirações”.

Caso minha resposta fosse positiva, convidar-me-ia a integrar uma sociedade particular, um grêmio secreto de estudiosos, poetas, desbravadores do oculto, um clube arcano de homens e mulheres dispostos a buscar novas perguntas num mundo que parecia, erroneamente, já ter respondido a todas.

Interessado, perguntei se falava de uma sociedade secreta e quais eram seus rituais de iniciação.

“Sociedade secreta” era uma boa denominação, mas não se tratava de uma seita, como a maçonaria, por exemplo, e muito menos de um clube masculino para classes superiores, uma vez que mulheres e outros marginalizados pela sociedade a integravam. “Quanto aos ritos iniciativos, tens o que valorizamos”, disse-me. “Sua curiosidade, sua bravura, sua determinação em proteger seus amigos e seus ideais. Além disso, sua inegável elegância de dândi, unida a uma compleição forte e poderosa. A verdade é que precisamos de você, pois somos mais estudiosos do que atletas e aqueles que tinham uma predileção pela aventura, como eu, estão velhos demais para empresas audaciosas.”

Questionado sobre quem eram “eles”, disse-me que, caso aceitasse integrar o grupo, os conheceria em breve. Eram poucos, seis pessoas ao total, que precisavam de minha ajuda para um plano ousado que executariam dentro de quatro noites. Revelou tratar-se de uma tarefa de indubitável perigo que selaria minha lealdade à sociedade, além de proporcionar-me a certeza de socorrer uma donzela que corria risco de vida, prisioneira de pífios ignominiosos.

Quando perguntei quem eram esses algozes, o velho respirou fundo, como se planejasse em sua mente a resposta. Para a minha surpresa, falava da Ordem Positivista, que numa atroz investida coibia as iniciativas anárquicas, as forças inexplicáveis, os fenômenos sobrenaturais, todo e qualquer resquício de magia, tudo aquilo que não poderia ser calibrado e testado. “Sabes do que falo?”

Assenti, obviamente. Nesses dias, sabíamos dos excessos da Ordem, aliada à Religião do Crucificado e ao Governo Republicano, para cercear quaisquer práticas esotéricas, cabalísticas, mediúnicas ou incomuns. Neste momento em que escrevo, integrantes da Frente Anárquica mineira estão presos por protestar contra a trindade demoníaca e sua influência sobre as leis, as escolas e os jornais, vendendo-se aos ouvidos incautos ou desinteressados como “Defensores da Nação Brasileira” ou “Mantenedores da Ordem e do Progresso”.

“Todavia”, continuou Benignus, “Conheces apenas o eu eles divulgam e controlam. A Ordem Positivista é a mais perigosa das três instituições, e tem seus integrantes nos mais altos cargos, pregando a noção espúria de um bondoso demiurgo arquiteto nas testas do rebanho alienado.”

Seu tom de voz não escondia uma crescente irritação.

“Apresentam-se como defensores da ciência e da mecânica, num neo-iluminismo tacanho, disfarçado de racionalismo científico, nobreza moral e progresso tecnológico. O que ninguém sabe ou suspeita,” continuou, entre uma tragada e outra, “é o que fazem com os marginalizados, com os diferentes, com os excluídos, com aqueles que possuem *talentos* não negociáveis, como eu e você. Nesses dias, nós do Parthenon Místico, pois é assim que nos nomeamos, somos uma das únicas frentes de defesa contra eles.”

Benignus explicou que escolheram seu título a partir de uma sociedade literária que existira em Porto Alegre entre 1868 e 1884. Seu projeto público dera algum resultado, como a abolição da escravatura, a discussão pública sobre os direitos das mulheres, a escolarização de pobres e escravos libertos e a publicação de uma *Revista Mensal* que continha textos libertários e anárquicos na forma de poemas, contos, noveletas e outros gêneros incomuns. Quanto ao Parthenon Místico: nascera cinco anos depois da extinção da sociedade homônima, objetivando

ações efetivas, porém discretas. Uma delas, unir forças com indivíduos peculiares, como eu e a pobre menina aprisionada semanas antes.

Sobre a vítima, eu pouco sabia, exceto que se tratava de alguém jovem, com um histórico familiar trágico, tendo inadvertidamente matado a irmã de criação e o padrasto. Fora encontrada ainda bebê nas matas amazônicas e criada num vilarejo no norte do Brasil. Havia boatos de que seu sangue indígena lhe permitia ver os mortos e dialogar com eles, e que possuía um talento especial para a morte e a vida, podendo matar ou curar, com um simples toque.

Benignus conhecia a história, porque o Parthenon tinha um agente infiltrado junto às fileiras positivistas. Um médico, de renome público, que informara-os sobre os experimentos sórdidos que estavam fazendo com aquela criança, testes cujos resultados estavam aquém do esperado. Deixada lá, revelou, não sobreviveria mais que poucos dias.

Diante de tal narrativa, como poderia recusar o pedido do homem?

A história era medonha, repleta daquela recorrência que conhecemos bem ao estudar os tomos da história, quando poderosos oprimem aqueles que não podem se proteger. Acima de tudo, foi a revolta que me fez apertar a mão de Benignus, selando o acordo. E foi assim, no meio do salão agitado, naquele momento em polvorosa pela chegada de Rita Baiana, uma das donas do palacete, que fui aceito na sociedade secreta Parthenon Místico. Mal sabia que tal noite seria apenas a antessala para um universo de encontros, conversas e experiências em tudo inquietantes.

Hoje, escrevendo a você, vejo como tudo seria diferente caso Benignus tivesse me encontrado em outra ocasião, num momento em que estivesse mais forte ou mais lúcido. Altivo, teria recusado a oferta. Hoje, ao registrar a lembrança, felicito-me pelo inverso. Tal destino permitiu não apenas as proezas que descreverei mas também a coragem para escrever a você, meu querido de outrora.

## II

Na noite seguinte, encontrei Benignus na casa de um médico porto-alegrense chamado Antoine Louison, que morava num sobrado portentoso, pintado de heras altas e esplêndidas, de frente para o Bosque da Perdição.

Ao entrar no salão principal, iluminado por velas que aclaravam as altas paredes de livros, encontrei meia dúzia de seres que me conquistaram de pronto.

Benignus primeiro apresentou o dono da casa, Louison, vestido com notável elegância e cortês em cada pequeno gesto, um homem nos seus quarenta anos que possuía cabelos escuros e barba bem asseada, num rosto coroadado de olhos inteligentes. Não pude ignorar suas roupas bem cortadas e o aperto de mão confiante.



Ao seu lado, um homem mais velho, chamado Revocato Porto Alegre, também médico. Era ele que os informara sobre a jovem aprisionada. Em seus olhos, perscrutei a melancolia dos que estão prestes a enfrentar a morte.

Atrás dele, um homem de meia idade, de estilo e porte italiano, chamado Giovanni. Carregava ao lado, como única riqueza na terra, um estojo de violino. Magro e avermelhado, seu bigode fino parecia um desenho não terminado.

O mais jovem de todos era um pálido de aspecto doentio e romântico, que respondia por Sofieri. Era um adolescente, pensei, para descobrir depois que por um pacto demoníaco – real ou imaginário – julgava-se o mais velho do recinto. Seu falar antiquado e as roupas poeirentas completavam o figurino.

Por fim, sentada entre os varões que a cercavam, estava uma mulher negra e exuberante chamada Beatriz de Almeida.

Depois de apresentar-me, passamos ao assunto da noite. O clima era de urgência, acompanhado do cheiro de velas queimadas e da ausência de sorrisos.

Na mesma quadra onde estávamos, de frente para a avenida lateral, ficava o Templo Positivista, construído no mesmo ano da sede carioca. A jovem encontrava-se nas masmorras íferas do lugar, vinte metros abaixo da superfície.

Seu acesso era feito por um elevador mecanizado. Além desse, uma longa escadaria levava às profundezas. Lá, segundo Revocato, havia uma porta de ferro-aço rebitado, dois guardas humanos e um mecânico. No interior do laboratório, dois enfermeiros robóticos defendiam a instalação. Como a paciente estava sedada e presa à instrumentação médica, seria necessário carregá-la nos braços.

O plano era produzir uma distração na superfície, para que o laboratório estivesse vazio no momento do resgate. Isso feito, o homem que chegasse em seu interior teria de lidar com os robóticos. O resgate ocorreria na manhã de domingo, no horário em que a Ordem reunia seus asseclas em encontros de cúpula.

A base do plano, que a mim parecia ousadíssimo, era penetrar no laboratório e resgatar a moça. Obviamente, mesmo elogiando a minudência de todo o arranjo, alertei aos senhores e à senhora do absurdo do projeto, questionando minha participação nele.

“Meu jovem amigo”, disse-me Benignus, “você é todo o nosso plano. Absurdo, sim, mas o único que conseguimos cogitar dentro da urgência da hora. Em resumo, trata-se de uma pitada de ilusionismo, pontuada de habilidade de execução e um tantinho de força bruta. Em outras palavras, fumaça, espelhos e você, meu caro amigo, enfrentando os robôs e salvando a

vítima indefesa. Mas fique tranquilo”, continuou, “para tanto, precisará apenas interromper sua respiração e usar com maestria esses braços de Hércules”.

Eu ri da fala do homem, achando-a afetada e irrisória.

Em instantes, todavia, deixei o riso morrer decrépito nos lábios, notando que o velho cientista falava bem sério.

### III

Três noites depois, colocamos a insânia em execução.

Meu acesso ao averno laboratorial seria garantido do seguinte modo: a ideia era utilizar os grandes dutos de água, instalados nas profundezas da região para suprir aos moradores um nível mínimo de saneamento e higiene. Eram grandes túneis circulares, de dois metros de diâmetro, que seguiam a disposição horizontal das ruas.

Preparei-me adequadamente, seguindo cada uma das instruções, por mais absurdas que fossem, concentrando-me na tarefa, não no perigo.

Enquanto executasse minha parte, os demais integrantes do Parthenon produziram o contratempo que chamaria a atenção da Ordem, deixando o caminho livre para que eu efetuasse o resgate – se é que dois poderosos enfermeiros robóticos poderiam ser considerados “caminho livre”.

Vesti o pesado traje de mergulho, feito de lona, levando no cinto ferramentas e adagas, não pistolas, que seriam inutilizadas pela água, além de outros artefatos projetados por Benignus.

Ao descer dois níveis do porão de Louison, me seguiram Revocato e o cientista, que ficaram ali, rezando e me auxiliando.

Ri do homem, dizendo que deveria rezar para que seu maquinário e meus pulmões funcionassem, não pela ajuda de divindades mudas e inaptas.

Quanto a Revocato, dele seria a incumbência de, no caos provocado por Giovanni e os outros, chamar os guardas subterrâneos e desligar o alarme sonoro.

Diante de mim, sobre uma surrada mesa de trabalho, Benignus descobriu uma máquina de formato triangular, com duas hastes que serviriam para perfuração em terrenos inóspitos. Com ela, perfuraria o solo do porão de Louison até o duto de água. Como a casa de Louison ficava na mesma quadra que o Templo Positivista, seguiria a curva do duto na Avenida da Azenha, o eu me deixaria na frente do templo, a quinze metros do laboratório. Perfuraria um segundo túnel até ele.

Seria mais simples cavar um caminho de Louison até a instalação, mas isso os guiaria ao porão do médico, expondo ele e a todos os outros. Ao utilizar o duto de água, não haveria como saberem em qual direção procurar.

Para cavar os dois túneis, Benignus explicou-me como funcionava a máquina e indicou o visor à prova d'água que mostraria minha posição em relação tanto ao sobrado de Louison quanto ao antro positivista.

Segurando a pesada geringonça, que não só criaria os túneis como me alçaria pelo duto com uma hélice embutida, percebi a dificuldade da tarefa.

Chegando ao templo, perfuraria dois metros para cima – para não escoar a água saneada – e então exatos 18 metros para baixo, em direção ao laboratório. O retorno seria bem mais complicado em virtude do peso da jovem.

Ao checar a aparelhagem, bem como os dois pesados tubos de oxigênio que levaria nas costas, Benignus instruiu-me de que na ida, ao mergulhar no duto e cavar o segundo túnel, eu teria de prender a respiração por seis minutos. Isso por haver apenas espaço para os dois tubos que usaríamos para voltar.

Emudecendo meu nervosismo, disse-lhe que os anos de natação e mergulho tornavam-me apto para tanto.

“Que bom, que bom,” falou, entre um gole e outro de Paraty ou algo mais forte.

Ants de partir, Revocato aproximou-se de mim no porão desorganizado e poeirento, iluminado por lâmpões a gás. Supliquei-lhe que garantisse a ausência dos guardas e o desligamento do alarme. Ele deixou-nos, entregues ao silêncio e ao tique-taque do relógio, que despertaria dentro de minutos, ordenando a partida.

Disse a Benignus que havia depositado minha vida nos seus inventos. Além da perfuradora, levava comigo dois bastões eletrostáticos que usaria contra os enfermeiros robóticos. Pediu que fosse certeiro, pois possuíam só uma carga.

Certifiquei-me de que os bastões estavam presos ao cinto e vesti a máscara que não apenas garantiria minha respiração na volta como protegeria meu rosto da terra. Para a prisioneira, levaria uma máscara mais simples, conectada por um cabo à mochila de oxigênio. Senti-me pesado, utilizando uma vestimenta que transformava o gesto mais simples num esforço gigantesco.

Benignus me abraçou, desejando-me uma boa jornada e dizendo-se orgulhoso da minha coragem.

Devidamente paramentado, dei-lhe as costas, liguei a perfuradeira e deixei que o seu peso sugasse o meu corpo em direção às entranhas da perdição, como um Orfeu futurista a

resgatar uma vitimada Eurídice, presa nas infernais masmorras científicas do Templo Positivista.

Que tivessem sucesso em suas funções, pois delas dependia a minha.

A perfuração até a estrutura do duto foi tranquila, deixando atrás de mim um túnel de noventa centímetros, que ascendia até o porão de Louison.

Em compensação, fez-me suar na cova imunda, iluminada pela lanterna acoplada ao capacete, a abertura que tive de criar na parede do tubo.

Entre as ferramentas, levava comigo um martelo mecanizado de triplo impacto, usado por mineradores humanos, antes de serem suplantados pela lataria robótica.

Ao abrir espaço para meu corpo e o maquinário, inspirei por quatro vezes, soltando o ar devagar e preparando os pulmões. Certifiquei-me de que o capacete estava acoplado e mergulhei na escuridão das águas, que corriam na direção oposta à minha jornada, num imprevisto odiento.

Benignus calculara mal o tempo que eu ficaria dentro do duto. Ao invés de seis, teria no mínimo oito minutos sem ar até chegar ao meu destino.

Empreendi a jornada com calma, meu corpo içado pela perfuradora, agora transmutada em hélice hidrodinâmica. Limpei a mente da falta de ar, remetendo a lembranças antigas, de quando brincamos, eu e tu, na piscina do colégio, logo depois do atroz atentado com os cacos de vidro. Ao visualizar-nos nus, na inocência da noite e do desejo, meus olhos brilharam na escuridão líquida.

Passados cinco minutos, cheguei ao primeiro destino.

Meus pulmões queimava, enquanto sentia o coração bombear pesaroso e as pálpebras se fecharem, irritadas pelos crescentes pontos vermelhos que surgiam.

Confiando no visor, desliguei a hélice e prendi ganchos metálicos na superfície do túnel. Tudo lento e difícil, pelo peso da roupa e pelo fluir das águas.

A falta de ar e de forças unia-se à ausência de esperança.

Fogo queimando as veias e fogo incendiando o peito.

Tontura e fraqueza, enquanto o sangue corria cáustico pelo corpo pesado.

Com dificuldade, retirei o martelo do cinto, mirando o cimento acima dos meus olhos, enquanto fazia força para não ser levado pela corrente d'água.

Dei a primeira batida.

A segunda e a terceira foram igualmente inúteis.

Meu corpo ardia e eu não teria ar suficiente para cavar o túnel.

Por um momento, desejei dissolver-me nas ondas do canal.

Fogo estourando os pulmões e encharcando meu sangue de medo e pavor.

As entranhas explodindo e tudo findando em breve.

Até que no calor daquela escuridão uterina, visualizei a jovem prisioneira entregue ao silêncio inominável, numa cena produzida pelo desespero do meu desespero.

Olhar vazio e medicado, olhar indiferente à dor e à vida.

Reavivei meu corpo, usando o último ímpeto para apertar o botão proibido, aquele que liberava o oxigênio do retorno. Se não o fizesse, não haveria retorno.

O ar chegou pesado às narinas, devolvendo-me a consciência. Como faria depois, não importava. Ao menos chegaria ao maldito laboratório.

Com o ar enchendo os pulmões, abri a parede acima de mim, as pernas apoiadas contra a curva das pedras.

Ressuscitado, coloquei a perfuradora na posição vertical, acima de mim, e comecei a escavar o novo túnel, cravando as botas nas paredes recém-formadas.

Desse modo, segui cavando, primeiro ascendendo e então decaindo, sempre vigiando o mapa no visor à minha frente.

Ao chegar à parede espessa do complexo laboratorial, feito de uma liga de tijolo e ferro fundido, depositei sobre ela duas pequenas bananas de dinamite.

Estariam os guardas ali? Iriam metralhar-me? Ou pior, prender-me e torturar-me? Teria Revocato tido sucesso?

Expulsei as dúvidas, sabendo-as inúteis.

Recuei e protegi meu corpo do impacto com a perfuradora.

Atrás da explosão, luzes piscando e zumbidos de acionamento metálico.

Larguei a perfuradora e os tubos de oxigênio, um deles vazio. Retirei a máscara, aliviado por ver-me livre de toda aquela aparelhagem, e rastejei em direção ao pátio recém-criado, portando comigo os bastões eletrostáticos.

Ao ultrapassar o umbral improvisado, o cheiro de clorofórmio e amoníaco atingiu minhas narinas. A fumaça da explosão desafiava a clareza da vista, embora conseguisse situar-me no grande salão retangular, repleto de luminárias cirúrgicas.

Nas prateleiras laterais, vidros de órgãos, fetos e outras criaturas irreconhecíveis dormiam. Outras não.

Tal gabinete de monstruosidades era real, sendo que o horror de tal lembrança ainda revira-me as estranhas.

Das cinco mesas cirúrgicas, apenas uma estava ocupada.

Minha visão foi distraída pelo primeiro par de olhos elétricos que levitou em minha direção. Logo vi um magro robô, rangendo suas engrenagens poluídas pela poeira da explosão. A lataria cinzenta vestia um uniforme médico.

Desviei de um golpe, não do outro, que jogou-me contra as prateleiras.

Vidros quebrados cravaram-se em minhas costas, enquanto tecidos semi-mortos rastejavam sobre a minha pele, o cheiro pútrido me tonteando.

Levantei-me e descarreguei no maquinário médico a carga do primeiro bastão, fazendo-o quedar em curto, zunindo sua iminente destruição.

Livre-me do bastão descarregado, preparando-me para enfrentar o segundo robô, que ainda não via.

Erro estúpido esperar que viria do mesmo lugar.

A nova ameaça surgiu atrás de mim, estourando meu ombro com um golpe certo. No braço que havia me acertado, ao invés de dedos de ferro, eram bisturis e serras cirúrgicas o que ele agora apontava em direção ao meu rosto.

Depois de mais golpes desferidos, joguei irmão contra irmão, recuperando naquele instante de tempo o segundo bastão.

Com grande velocidade avancei contra a criatura de aço e rebites e deposei na junta do quadril a segunda descarga de energia.

O robô caiu despedaçado, mas não sem presentear meu flanco esquerdo com um de seus dedos afiados.

Havia-os vencido, mas temia pela seriedade do ferimento.

Retirei da minha carne o bisturi, improvisando um curativo com pedaços de bandagens. Mesmo assim, o sangue jorrava livre, salgado e ardido.

Ordenei à mente que ignorasse a dor e avancei.

Ao me aproximar da maca, não contive o pavor.

Tratava-se de uma jovem indígena, bela e delicada, com cabelos escuros que caíam lisos sobre os ombros. Dos membros, presos à maca com quatro cinturões de couro rústico, partiam fios e pequenas mangueiras. Um traziam líquidos entorpecentes, enquanto outras retiravam dela a vermelhidão sanguínea.

Dos lábios delicados, surgia um grosso tubo escuro, conectado a um suporte metálico anexado à cama. Retirei o lençol que cobria o corpo ferido. No território do corpo nu, marcas de cortes, alguns cirúrgicos já suturados, disputavam lugar com manchas de queimaduras e outros ferimentos.

Os pelos pubianos raspados gelaram minha alma, incitando-me a imaginar quais atos atrozes aqueles cientistas haviam perpetrado.

Pouco a pouco retirei os fios e as mangueiras e liberei os braços e as pernas dos laços que os prendiam.

Enrolei seu corpo desfalecido no lençol que a cobria e peguei-a no colo.

Era tão pequenina aconchegada em meus braços, como uma filha maldita nos braços de um pai danificado, grosseiro soldado de guerras e revoluções.

O flanco doía e sangrava, fazendo-me gemer.

Ao dar as costas, em direção ao túnel que me vomitara, meu sangue gelou ao ouvir o som mecânico de engrenagens e juntas metálicas moverem-se.

Ao retirar o corpo da maca, acionara um dispositivo mecânico que agora fazia despertar um soldado robótico de dois metros de altura, daqueles usados na Guerra do Paraguai, saído das entranhas de um compartimento inferior.

Revocato não desligara este dispositivo, se é que soubesse dele.

Num ímpeto, depus o corpo adormecido numa das macas vazias e preparei-me para enfrentar a criatura. Era todo feito de ferraria escura, rebitada e grosseira, uma máquina de guerra feita para produzir destruição e morte.

D face, apenas um olho amarelo vigiava-me. Num ímpeto, pôs o corpo gigante em movimento, jogando os braços potentes sobre o meu corpo.

Consegui desviar dos dois primeiros golpes, mas não do terceiro, que atingiu minha face esquerda, fazendo meu cérebro explodir.

Um novo golpe atingiu meu estômago, ao lado do ferimento anterior.

Mais dois golpes similares e eu estaria morto.

Ou pior, à mercê dos Positivistas, condenando a jovem a outras torturas. Não poderia permitir que aquilo sucedesse.

Rapidamente me recompus, retirando do cinto duas adagas de escalada, daquelas que usava para penetrar a carne pétrea das montanhas.

Desviei do golpe seguinte, ferindo o metálico com uma das adagas.

Inútil, deixei-o apenas mais irritado. Afastou-se de mim, levando consigo a adaga, presa ao corpo como se nada significasse.

Num átimo, meu corpo agiu, não se dando ao luxo de consultar a mente.

Com o martelo na mão direita e a segunda adaga na esquerda, pulei sobre uma das macas, usando-a como trampolim para atacar o maldito.

Cravei a adaga no topo da sua cabeça, o que enlouqueceu seu mecanismo de programação.

O enferrujado comprimiu meu corpo entre os braços metálicos, dançando comigo uma valsa demoníaca e insana.

O sangue jorrava, enquanto a máquina destroçava minha face com a sua.

Improvisando, martelei-lhe a cabeça, o que me livrou do abraço assassino.

Caído no chão e vendo o robô rodopiar, com os dois braços a procura da adaga, retirei do cinto fios de aço para escalada.

Saltei nas costas do bicho e enlacei-lhe o pescoço.

Com o fio afiado ao redor de sua goela ferrosa, pousei minha botina em sua nuca, esticando os cabos ao máximo que minhas mãos suportavam.

Depositei meu derradeiro esforço naquela pressão até que a cabeça rolou e caiu, inerte, soltando faíscas por entre as chapas do mosaico que era seu rosto.

De joelhos, o corpo debatia-se, vomitando óleo do pescoço decepado.

Imitado sua posição, despenquei de joelhos.

Tudo ardia. Sangue escorria pela face, poluindo a visão e encharcando os lábios de lava salgada. A cabeça latejava e os braços doíam, um deles deslocado.

Abaixo do peito, o ferimento vertia sangue, manchando o chão enlameado.

Ordenei ao corpo que levantasse, abandonando o plano de destruir o lugar.

Não havia tempo nem vida para mais nada.

Com a criança novamente nos braços, penetrei no túnel escuro. Vesti com dificuldade a mochila de oxigênio, descartando o tubo vazio. Prendi o tronco da jovem ao meu, com dois grandes cinturões.

Deixando de lado tudo o que era inútil, comecei a escalada.

Ao chegarmos ao topo, pus a máscara auxiliar no rosto dela, me assegurando de que estivesse respirando.

A minha, havia abandonado, pois não precisaria dela, preservando apenas os monóculos de viagem, que protegeriam meus olhos da água.

Com dificuldade, inflei os pulmões e despenquei no duto.

Dessa vez, o fluxo da água seria meu amigo.

Lento e pesado, meu corpo dissolvia-se na velocidade das águas, meu sangue unindo-se ao bailado delas. Entregue ao fluxo, ignorei cura ou descanso.

Importava apenas a vida.



Não a minha... mas a daquela criaturazinha que sobrevivera e que agora estava ali, colada ao meu corpo como se fôssemos um, na escuridão e na liquidez.

Senti-me heroico, desejando a ela a vida que eu não conseguiria preservar.

A dor e a falta de oxigênio, que novamente inflamava os pulmões e a pele, felizmente foram interrompidas pela abertura o primeiro túnel.

Previ novo perigo, visto que estávamos a uma velocidade considerável.

Ordenei ao braço avariado que segurasse nossos corpos na borda da abertura superior. Com violência, a água arrastou-nos, mas consegui parar-nos.

Emergi gritando e respirando, faminto de ar, enquanto conectava os cabos que Benignus havia instalado ao meu cinto.

Fomos puxados até o porão mal iluminado e ao olhar de alegria do velho cientista, que se transmutou em horror ao avaliar meu estado.

Benignus livrou-a do meu corpo e testou seus batimentos. “Ela está bem, ela sobreviverá”, disse-me. Com o rosto machucado e disforme, lhe sorri.

Foram as últimas palavras que ouvi antes de entregar-me ao silêncio.

#### IV

Inconsciente por dias, retornei à presença dos vivos numa bela manhã de inverno, sentindo frio nos pés descobertos.

Acordei num casarão antigo, imperioso, num quarto amplo e arejado cujas grandes janelas portuguesas revelavam as águas turvas do Guaíba e a cidade de Porto Alegre ao longe: uma bela imagem, maculada pela fumaça das fábricas à beira do cais e por dois Zepelins que cortavam as nuvens.

Encontrava-me no seio do pântano que sempre via com fascínio da Rua da Praia. Como era possível existir tal lugar em meio às árvores selvagens, ao matagal espesso e à charneca úmida? Passada a primeira inquietação, aceitei sua existência, feliz e grato por estar ali, vivendo e curando-me.

Louison visitava-me todos os dias, sempre preocupado com minha saúde. No quarto dia depois da ressurreição, ignorando o medo, pedi notícias da pequena.

Passava bem, disse-me, apesar de sua mudez. Estava ali, na grande casa, e logo poderia encontrá-la, tão logo estivesse em condições de firmar as pernas. Meu rosto ainda estava inchado, com uma das vistas fechada. Quanto ao braço ferido, recuperava aos poucos os movimentos.

Perguntei ao médico o que acontecera na superfície.

“Tudo correrá conforme o plano, exceto por uma baixa”, disse pesaroso.

Depois de instantes, revelou-me tudo, numa narrativa sóbria e calma.

Enquanto eu invadia o laboratório, os integrantes do Parthenon Místico provocaram um acidente de bonde à frente do Templo. Uma carroça de tropilha, guiada por Solfieri, desviou o vagão de seu trilho em direção ao pátio da Ordem, estourando o muro e o portão de ferro. Todos saíram assustados, ainda mais com a chegada de um policial – Giovanni – que acusava o tropeiro de assassinato e outros crimes torpes. Enquanto isso, Louison e Beatriz, interpretando os papéis de um médico das redondezas e sua assistente, atendiam os feridos. No vai e vem, ninguém percebeu a ausência de Revocato. Até que descobriram o ataque ao laboratório. Concluíram que ele havia desligado o alarme e ordenado aos guardas que deixassem seus postos.

“Não sabemos o que aconteceu com ele”, disse, sentando ao meu lado, numa cadeira perto da cama, organizando os instrumentos na valise, “mas estamos preparados para o pior.”

Dito isso, olhou-me com afeto, revelando sua dor. Que relações aqueles homens tinham? Seriam irmãos? Pai e filho? “Mais do que isso”, adiantou ele, com olhos úmidos, “éramos amigos e por isso sua ausência me é tão terrível.”

Ele suspirou, levantou-se da cadeira e dirigiu-se à janela alta, afastando a cortina com as pontas dos dedos, deixando a imagem e a luz visitarem o quarto.

“Afinidades, Bento. Afinidades são os laços que nos prendem às pessoas queridas. Não são sobrenomes nem riquezas, nem empresas compartilhadas, nem etnias, nem crenças de qualquer natureza. Apenas afinidades. Sinto falta do amigo com quem conversava por dias e dias,” disse, perdendo-se na visão da baía.

Depois de minutos, voltou à beirada da cama, pegou sua valise e deixou o quarto, dizendo-se feliz por minha recuperação. Antes de partir, disse-lhe que lamentava. Como resposta, obtive, a despeito de seu sofrimento, um calculado “todos nós sabíamos dos riscos, sobretudo ele. Tenho certeza de que, estando ou não entre nós, Revocato não se arrepende de ter salvado uma vida”.

Sozinho, fui até a janela e vi o médico partindo, caminhando até o pequeno porto onde um barco o esperava. Permaneci ali, observando o cair da tardinha, enquanto a embarcação desaparecia em direção ao luzidio da cidade.

Nos dias seguintes, permaneci no quarto, recebendo visitas ocasionais de Benignus, de Louison e, às vezes, de Beatriz, que lia para mim os romances de aventura que tanto adorava. Na calmaria dos dias, fui fortalecendo meu corpo e minha alma, entregue àquele exótico lugar, construído no ventre da ilha pantanosa, como se afastado no tempo e no espaço da monstruosa cidade moderna que crescia e fervilhava do outro lado da enseada.

Três semanas depois da fatídica manhã, deixei o quarto na companhia de Benignus. Que me apresentou o casarão como a sede do Parthenon Místico. A “Mansão dos Encantos” pertencia a Revocato. Ele herdara de Leôncio, um amigo morto no Paraguai vinte anos antes. O casarão fora deixado a ele depois da tragédia da família Magalhães entre 1873 e 1874, que culminou na morte da bela Georgina, abandonada grávida por um criminoso sedutor, na loucura do patriarca Alfredo e no desaparecimento do supracitado enteado, não sem antes deixar-lhe seus bens.

Abandonada por duas décadas, a casa foi reformada quando os seis fundara o Parthenon Místico. Revocato doou a casa ao grupo, defendendo que se tratava do lugar ideal, em especial pelas histórias de assombrações que cercavam a Ilha do Desencanto, nome dado à ilhota pelos pescadores do outro lado do Guaíba.

Benignus mostrou-me sua absurda geografia. No primeiro andar, ficavam os salões de leitura, a biblioteca, as duas salas de jantar, a cozinha e os gabinetes de estudo. No segundo, quartos e outros lugares soturnos, infundos e não concebíveis a qualquer medição humana. Segundo ele, eram portas que levavam a outros lugares, no passado e no futuro, cortinas que escondiam passagens secretas, cômodos escuros aconchegantes e quartos iluminados horripilantes. Eu, fazendo questão de não diferenciar fato de fantasia, deixei-me guiar pelos longos corredores.

Quando saímos da casa em direção ao jardim, vi uma jovem mulher muito magra, vestindo trajes simples, caminhando por entre lilases e orquídeas, abaixo de uma frondosa cerejeira.

Ainda caminhando com dificuldade, deixei Benignus, apoiando meu corpo sobre uma muleta, abaixo do braço enfaixado e dormente. Ao me aproximar dela, a indiazinha parou sua tarefa de colher flores e depois depositá-las da cesta de palha que trazia a tiracolo, como se pressentisse a minha presença.

Parei a alguns metros, não querendo assustá-la ou intimidá-la com meu tamanho e brutalidade.

Ela virou-se e me olhou ternamente.

Deixando a cesta de flores, correu em minha direção e abraçou-me, com seus cabelos recebendo o toque dos meus lábios.

Ao pousar seus imensos olhos nos meus, debaixo de sua altura pequeníssima, disse-me: “Obrigada, meu amigo”.

Era a primeira vez que usava a voz desde que chegara àquele lugar, como se estivesse esperando por mim.

Abraçamo-nos por um longo tempo e iniciamos uma animada conversa, uma conversa que oxalá não chegará ao fim.

Nos dias seguintes, a menina mostrou-se falante e vivaz, abraçando os dias, as noites e os novos amigos como sua única riqueza, num esforço audaz para esquecer o passado.

Numa noite morosa e aconchegante, na qual estávamos eu, ela, Benignus e Giovanni, diante da lareira da sala, ignorando os sons dos animais ao redor do casarão, perguntei-lhe seu nome.

Com o rosto moreno e feliz, metade nas sombras, metade incendiado pela claridade do fogo, ela nos disse: Vitória Acauã.

Achei o nome apropriado a uma jovem incrível que possuía a capacidade de ler pensamentos e de conversar com os mortos.

Dali em diante, nunca mais a chamei de qualquer outra coisa a não ser de Vitória.

E aqui, meu amado, encerro minha narrativa de sonhos & pesadelos, na esperança de que aceites meu convite e venhas visitar-me, talvez buscando a cura para as suas feridas, como eu e Vitória achamos a nossa nesse grêmio de formidáveis e singulares criaturas.

Hoje, conforta-me revisitar o passado. Quando nos conhecemos, você dizia que eu era um “misterioso”, epíteto falso e verdadeiro. Depois, quando ficamos amigos, chamou-me de seu professor, por tê-lo apresentado aos mundos de H. G. Wells e Julio Verne, mundos nos quais me empenho em viver, como esta estória, em todo o seu absurdo e heroísmo, o comprova.

Por fim, nosso contato findou, pois deixaste de querer-me, quando tentei empreender com meu corpo uma intimidade que apenas prometestes-me com olhos e lábios.

Encontro-me agora num espaço e num tempo novo, cercado da intimidade com a pequena salva por mim. Antes disso, ter desarmado o jardineiro assassino era a façanha da qual mais me orgulhava, façanha que me galgou o título de herói entre os nossos colegas e que conquistou por certo a tua tão preciosa admiração.

Hoje, substituo aquela lembrança pela visita ao Tártaro positivista, quando enfrentei os demônios mecânicos para libertar a alma e o corpo de Vitória.

Espero que tenhas também histórias a contar e que ainda possamos ser os companheiros perfeitos um para o outro. Haveria ainda tempo para isso? De minha parte, sim, pois meu coração ainda pertence-te, apesar do tempo e da distância.

Nesses dez anos de ventura e ventania, é de ti que ainda me lembro com saudades insuspeitas, de quando arrumavas o laço da minha gravata, de quando tocavas as mechas de cabelo que faziam cócegas nos meus olhos, de quando dividimos uma intimidade cujo nome não tivemos a coragem de pronunciar.

Espero que tenhas conseguido te livrar das amarras paternas e revelar aos teus quem realmente és. Se não, venha para mim. Escreva-me e eu irei te procurar ou então, te esperar, na certeza de que encontrarás ao meu lado tua casa.

Ao contemplar a lareira e o fogo, além da fumaça que desaparece na velha chaminé, relembro do incêndio que detalhaste numa das cartas, aquela sobre a destruição do velho Ateneu. Não lamentei seu fim, apenas o fato daquele sinistro tê-lo feito retornar à redoma familiar e ao julgo das leis de outrora.

Hoje, perscruto no fogo aquilo que fomos ou aquilo que ainda podemos ser. Ao fitares as chamas que brilham ao teu redor, pergunto e pergunta-te: elas ainda ardem por mim?

Lembres disto, meu querido Sergio: estarei sempre na expectativa, senão da tua ardente presença, de notícias da tua delicada e preciosa felicidade.

Com carinho, sempre

Bento Alves.